

EDMUNDO CEZAR

CÍRCULO DE ESTUDOS ARTE E ESPIRITISMO



CÍRCULO DE ESTUDOS

ARTE E ESPIRITISMO





Associação Brasileira de Artistas Espíritas - Abrarte

CÍRCULO DE ESTUDOS

ARTE E ESPIRITISMO

EDMUNDO CEZAR

1ª edição - Junho/2015

1ª reimpressão - Março/2017

Belo Horizonte



2017



® Associação Brasileira de Artistas Espíritas - Abrarte

Diretoria Executiva

Presidente: Cláudio Miranda Marins (Belo Horizonte/MG)
Vice-presidente: Rogério Felisbino da Silva (Florianópolis/SC)
1º Secretário: Alessandro Nunes Saraiva (Natal/RN)
2º Secretário: Mateus Barbosa de Oliveira (Franca/SP)
1º Tesoureiro: Bianca Zucchi Hermes (Florianópolis/SC)
2º Tesoureiro: José Ronaldo Pereira Jr. (Florianópolis/SC)

Conselho Doutrinário

Glauccio Varella Cardoso (Mesquita/RJ)
Marcus Azuma (Curitiba/PR)
Edmundo Cezar Barbosa Santos (Curitiba/PR)
João Batista de Mendonça (Brasília/DF)
Reginauro Sousa Nascimento (Fortaleza/CE)

Suplentes

Marcelo de Aquino Martins (Natal/RN)
Denize Moura Dias de Lucena (Curitiba/PR)

Conselho Fiscal

Sílvia Schober Gonçalves (Campinas/SP)
Júlio Cesar dos Santos Nunes (Brasília/AC)
Fátima do Carmo Fonseca Ricardi (Indaiatuba/SP)

Suplentes

Guaraciara Novaes Barbosa (Vitória/ES)
Wender Veloso da Silva (Goiânia)
Valdemagno Silva Torres (Recife/PE)

Revisão ortográfica e normatização: Glauccio Varella Cardoso
Ficha catalográfica: Tatiana Augusta Duarte de Oliveira – CRB 2842 – 6ª Região
Capa: Márcia Albuquerque
Projeto gráfico e diagramação: Tim Santos

Para contatar a Abrarte:

www.abrarte.org.br



C425c Cezar, Edmundo
Círculo de estudos: arte e espiritismo / Edmundo
Cezar. Belo Horizonte : Educere ; Abrarte, 2015.

144 p.
ISBN 978-85-65641-05-0

1. Espiritismo. 2. Arte espírita. 3. Artes. I. Associação Brasileira de Artistas Espíritas – Abrarte.

CDD: 133.9

SUMÁRIO

Breve Prefácio	9
----------------------	---

ESTUDO 1 – KARDEC E A ARTE

ARTISTAS NA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS	13
ARTISTAS DO OUTRO MUNDO	19
MONVOISIN, UM PINTOR ESPÍRITA	25
ESTUDOS ADICIONAIS	29
ÍNTEGRA DO DIÁLOGO DE KARDEC COM ALFRED DE MUSSET	37
A Arte Espírita Perante a Tradição.....	41
Referências bibliográficas	45

ESTUDO 2 – ARTE EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS

O LIVRO DOS ESPÍRITOS	49
QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE ARTE EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	51
<i>Parte Segunda - Cap. IV – Da pluralidade das Existências - Ideias inatas</i>	51
Sugestão complementar: <i>Questões: 218, 218-a, 218-b, 219</i>	51
<i>Parte Segunda - Cap. VI – Da Vida Espírita - Percepções, Sensações e Sofrimento dos Espíritos</i>	51
Sugestão complementar: <i>Questões: 245, 246, 248, 249, 249-a</i>	52
<i>Parte Segunda - Cap. VI – Da Vida Espírita – Recordações da Existência Corporal</i>	52
Sugestão complementar: <i>Questões: 311, 312, 313, 314</i>	52

<i>Parte Segunda - Cap. IX – Da Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal - Anjos de Guarda. Espíritos Familiares, Protetores ou Simpáticos.....</i>	53
Sugestão complementar: <i>Questões: 489, 490, 491, 501, 504, 505, 512, 517, 518, 519, 520</i>	54
<i>Parte Segunda - Cap. X – Ocupações e Missões dos Espíritos.....</i>	54
Sugestão complementar: <i>Questões: 566-a</i>	55

ESTUDO 3 – O ARTISTA

VISÃO DA ESPIRITUALIDADE	59
O ARTISTA. MISSÃO E RESPONSABILIDADE.....	63
ARTISTA ESPÍRITA: TÉCNICA E EVANGELIZAÇÃO DE SI	67
ESTUDOS ADICIONAIS	71
TRANSCRIÇÃO DE “O CONSOLADOR”	71
Capítulo II – Sentimento – ARTE	71
161 – <i>Que é arte?</i>	71
162 – <i>Todo artista pode ser também um missionário de Deus?</i>	71
163 – <i>Pode alguém se fazer artista tão-só pela educação especializada em uma existência?</i>	72
164 – <i>Como devemos compreender o gênio?</i>	72
165 – <i>Como poderemos entender o psiquismo dos artistas, tão diferente do que caracteriza o homem comum?</i>	73
166 – <i>No caso dos artistas que triunfaram sem qualquer amparo do mundo e se fizeram notáveis tão-só pelos valores da sua vocação, traduzem suas obras alguma recordação da vida no Infinito?</i>	74
167 – <i>Os grandes músicos, quando compõem peças imortais, podem ser também influenciados por lembranças de uma existência anterior?</i>	74
168 – <i>Os Espíritos desencarnados cuidam igualmente dos valores artísticos no plano invisível para os homens?</i>	75
169 – <i>A emotividade deve ser disciplinada?</i>	75
170 – <i>Com tantas qualidades superiores para o bem, pode o artista de gênio transformar-se em instrumento do mal?</i>	76
171 – <i>De modo geral, todos os homens terão de buscar os valores artísticos para a personalidade?</i>	76
172 – <i>Existem, de fato, uma arte antiga e uma arte moderna?</i>	76

ESTUDOS ADICIONAIS	79
--------------------------	----

TRANSCRIÇÃO DO “CONDUTA ESPÍRITA” PERANTE A ARTE	79
---	----

ESTUDO 4 – APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

PERISPÍRITO E ARTE	83
--------------------------	----

IRRADIANDO ARTE	87
-----------------------	----

IRRADIAÇÃO AO BEM	93
-------------------------	----

A MEDIUNIDADE DO ARTISTA	97
--------------------------------	----

UM PASSE DE ARTE.....	103
-----------------------	-----

KARDEC VAI AO TEATRO	111
----------------------------	-----

ESTUDOS ADICIONAIS	115
--------------------------	-----

TRANSCRIÇÃO DOS ITENS 169 E 170 DE “O LIVRO DOS MÉDIUNS”	115
---	-----

ESTUDO 5 – TEMAS DIVERSOS

ARTE EM “NOSSO LAR”	119
---------------------------	-----

ARTE NA TRANSIÇÃO PLANETÁRIA.....	131
-----------------------------------	-----

A MISSÃO DA ARTE	139
------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA GERAL	143
--------------------------	-----

BREVE PREFÁCIO

No ano de 2014, a Federação Espírita do Paraná (FEP) realizou, na cidade de Curitiba, atividade doutrinária com o título de **CÍRCULO DE ESTUDOS ARTE E ESPIRITISMO**.

Tratou-se de um modesto estudo com o objetivo de promover reflexões sobre o fazer artístico e sua relação com o Espiritismo, especialmente as ações artísticas realizadas no ambiente doutrinário do Centro Espírita.

Com a contribuição prestimosa da maestrina Doriane Rossi, Coordenadora de Artes da FEP, a atividade foi realizada em quatro dias diferentes, onde em cada oportunidade um aspecto da prática artística foi abordado por mim em uma exposição dialogada e rica de experiências, contando com a participação de, em média, 50 trabalhadores de casas espíritas.

Esta obra é a materialização dos conteúdos abordados durante os dois meses de estudos desta atividade, ampliada com as observações que pude realizar em atividades similares desenvolvidas em outras cidades e oportunidades.

Apesar de ser um neófito na arte da literatura, portador mais de motivação que habilidade com o escrever, construí este material tendo como referência um leitor que inicie seus estudos sobre arte e Espiritismo e talvez seja ainda iniciante na própria abordagem do conhecimento Espírita.

Páginas curtas e simples para serem estudadas individualmente ou em grupo, com registros da temática da arte

nas Obras Básicas de Allan Kardec, Coleção André Luiz e obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier, José Raul Teixeira, Divaldo Pereira Franco entre outros.

Ao terminar de escrever, sinto como se tivesse abordado apenas parte de um volumoso material de reflexão que está disponível àquele que deseje se debruçar com fervor e paciência na compreensão dos mecanismos que fazem parte da relação criativa de se fazer arte sob a inspiração da Doutrina Espírita.

Tenho a esperança de que este material possa ser útil a alguém, apesar da sincera crença de que outros tantos artistas são mais capazes que eu em construir saberes sobre o assunto e organizá-los de forma mais didática e sábia.

Por vezes, enquanto realizava os estudos e digitava este material, agradei a Deus, através da espiritualidade, que me ofereceu esta oportunidade de, ao rever obras doutrinárias espíritas, construir um pensamento sobre os aspectos da Arte e sua abordagem pelo conhecimento espírita.

O papel principal agora cabe ao leitor.

O Autor.

ESTUDO 1

KARDEC E A ARTE

O verdadeiro artista não espera o aplauso imediato. Ele sabe que está trabalhando para o futuro e, por isso, confia no que faz, aguardando que a posteridade considere o que contempla e valorize sua realização. Quem aguarda resposta imediata, gratidão e recompensa, ainda transita na faixa do egoísmo, guindado ao orgulho vão, que entorpece os sentimentos.

Vianna de Carvalho¹

1 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Vianna de Carvalho. *Atualidade do Pensamento Espírita*. 3ª Ed. Salvador: LEAL, 2002, p. 124.



ARTISTAS NA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Allan Kardec – Quais são suas ocupações no mundo que habitais?

Benvenuto Cellini – Trabalhamos as artes. Sou artista.²

A vida após a morte ainda tem os seus detalhes desconhecidos por muitos. Sono ou contemplação eternas ainda povoam o imaginário da sociedade em um pensar que ignora as realidades trazidas pelos espíritos em diversos registros, dentro e fora da Doutrina Espírita, inclusive nos campos das ciências humanas, e que nos revelam que, na erraticidade, continuamos a ser o que somos, com nossos saberes, hábitos e principalmente conquistas no campo da moralidade.

O diálogo acima, travado entre o Codificador do Espiritismo e o artista Benvenuto Cellini,³ realizado por via mediú-nica mais de 300 anos após o desencarne do escritor e ourives italiano, publicado na *Revista Espírita* de 1859, é parte de uma

2 KARDEC, Allan. “Conversar familiares de além-túmulo”. *Revista Espírita* – abril de 1859 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 152.

3 Benvenuto Cellini (1500-71). Artista da renascença, escultor, ourives e escritor italiano.

entrevista composta de quase 30 perguntas e respostas, onde revela que, no mundo espiritual, os artistas dão continuidade às suas tarefas e atividades.

A *Revista Espírita* foi um órgão de divulgação doutrinária administrado pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, instituição fundada por Kardec após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, onde constam, entre vários conteúdos, comunicações diversas de artistas desencarnados.

Tendo seu primeiro exemplar editado em janeiro de 1858, a *Revista Espírita*, assim como ocorria com *O Livro dos Espíritos*, era enviada para outras cidades da França, países da Europa e de outros continentes, constituindo-se em fonte de informação e propaganda do Espiritismo.

Kardec recebia correspondências de diversas origens, com dúvidas, questionamentos, críticas e relatos tanto de comunicações mediúnicas como de divulgação das ideias espíritas. Por meio da *Revista*, dava ele publicidade a estes fatos, esclarecia questionamentos, defendia-se de ataques de opositores e fornecia conteúdos que, mais tarde, comporiam as Obras Básicas da Doutrina.

Assim, em abril de 1858, Kardec e alguns amigos, fundam a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, primeiro centro espírita do planeta.

A extensão por assim dizer universal que tomam diariamente as crenças espíritas fazia desejar vivamente a criação de um centro regular de observações. Esta lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de esclarecimento, contou, desde o início, entre os seus associados, com homens eminentes por seu saber e por sua posição social. Estamos convictos de

que ela está chamada a prestar incontestáveis serviços à constatação da verdade. Sua lei orgânica lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não haverá vitalidade possível; está baseada na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estranhos que se interessam pela doutrina espírita terão um centro ao qual poderão dirigir-se e comunicar suas próprias observações. (1).

(1) Para todas as informações relativas à Sociedade, dirigir-se ao senhor ALLAN KARDEC, rua Sainte-Anne, 59, de 3 às 5 horas; ou ao senhor LEDOYEM, livreiro, galeria d'Orleans, 31, no Palais-Royal.⁴

Inicialmente, as reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas constituíam-se de oito a dez participantes, tendo este número crescido com o tempo, exigindo que o Codificador providenciasse espaços físicos que comportassem a crescente procura por suas atividades.

Periodicamente, as atas das reuniões da Sociedade eram publicadas na *Revista Espírita*, onde constavam o andamento administrativo da instituição, as comunicações com a espiritualidade, correspondências recebidas, visitas de espíritas de outras cidades e países e as primeiras ações de divulgação do Espiritismo.

Kardec preocupava-se com a seriedade das reuniões e do material obtido por via mediúnica, acreditando que a homogeneidade dos participantes, seu interesse sério, obtido em reuniões específicas, no espaço de uma instituição como a SPEE, poderiam evitar a interferência de espíritos brinca-

4 KARDEC, Allan. "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas". *Revista Espírita* – maio de 1858 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 233-4.

Lhões, comuns nas reuniões frívolas realizadas nas residências burguesas à época.

*Para que saibais a quem ireis fazê-lo, dir-vos-ei dos que se compõe a Sociedade: advogados, negociantes, **artistas**, homens de letras, sábios, médicos, capitalistas, bons burgueses, oficiais, artesãos, príncipes, etc.⁵ [Grifo nosso]*

As reuniões da Sociedade, restritas aos associados devidamente avaliados e recebidos oficialmente, constavam de evocações específicas e comunicações espontâneas. Eventualmente, em algumas reuniões, aceitava-se a presença de observadores simpaticizantes ou convidados, correspondentes de outras cidades, que estivessem de passagem por Paris.

Entre os membros efetivos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos encontravam-se alguns artistas. O Professor Hipolyte Rivail, nome de batismo de Allan Kardec, era ligado ao mundo da educação como ao das artes, realidade comum aos intelectuais da época. Quando teve a oportunidade de conhecer os fenômenos espíritos, o professor Rivail trabalhava como “guarda-livros”, uma espécie de contador, trabalhando, entre outros lugares em um dos teatros de Paris, onde, provavelmente, conviveu de perto com diferentes artistas da época.

Victorien Sardou⁶, dramaturgo francês, foi um destes artistas com quem Kardec conviveu e, neste caso em particular, com quem trabalhou desde as primeiras horas de formação e divulgação do Espiritismo. Em maio de 1855 o professor

5 KARDEC, Allan. “O Espiritismo em Rochefort”. *Revista Espírita* – dezembro de 1862 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 508.

6 Victorien Sardou (1831-1908) - escritor dramático francês, conhecido pelas suas comédias, boa parte delas traduzidas para português, constituindo parte frequente do repertório do teatro amador.

Rivail assistiu sua primeira reunião mediúnica; à época, Sardou participava também de um grupo de magnetizadores e, juntamente com outros amigos, apresentaram a Kardec os primeiros registros que haviam feito de suas reuniões, material que foi o ponto de partida para que o Codificador construísse o que, mais tarde, seria conhecido como *O Livro dos Espíritos*⁷.

Sardou, médium e membro atuante da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, é considerado o primeiro dramaturgo a construir uma peça teatral genuinamente espírita, intitulada *Spiritisme*, traduzida para o português com o título de *Amargo Despertar*.

Escritor de comédias e óperas famosas, Sardou é considerado um mestre do diálogo, com falas de personagens que se desenvolvem com inspiração e ritmo, sendo eleito para a Academia Francesa em 1877.⁸

As garatujas, um de seus textos teatrais, recebeu no Brasil a análise de Machado de Assis, tendo o literato brasileiro afirmado:

**Parecer sobre a comédia AS GARATUJAS,
de Victorien Sardou. Tradução de A. E. Zaluar**

A comédia *As garatujas* de Victorien Sardou, tradução do Sr. A. E. Zaluar, está no caso de receber a licença que para sua exibição se pede. Não se destina esta peça a provar e desenvolver uma tese filosófica, mas é impossível tirar de um fato insignificante como o que serve de ponto de partida a *As garatujas* mais

7 *O Livro dos Espíritos* - primeiro livro sobre a Doutrina Espírita, publicado pelo educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo Allan Kardec. É uma das obras básicas do Espiritismo.

8 As óperas *Tosca* e *Fedora* foram adaptadas de peças teatrais de sua autoria, de iguais títulos.

partido do que fez V. Sardou. São três atos graciosos e vivíssimos, cheios de interesse e de lances, conduzidos com paciência e desenvolvidos com habilidade. As situações mais engenhosas e inesperadas se sucedem sem deixar entrever de uma cena o que se vai passar na outra. Tudo isto adubado de ditos picantes, expressões conceituosas e cenas verdadeiramente bem escritas.

Eu já conhecia a peça que agora vem sujeita ao julgamento do Conservatório. Costumo acompanhar o movimento dramático da França e sabia desta composição assim como do estrondoso efeito que ela produziu no público e na crítica. Quando a li vi que a crítica francesa e o público de Paris tiveram muita razão, e acabo de firmar esta opinião depois da leitura que fui obrigado a fazer agora, na qual encontrei uma linguagem correta, sem quebra do espírito de que está cheio o original.

Rio, 20 de julho de 1862

Machado de Assis⁹

A proximidade com artistas em seu círculo de amizades e como associados permanentes na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, bem como o diálogo com alguns artistas desencarnados, permitiram ao Codificador refletir, analisar e ponderar sobre a influência que o Espiritismo causaria nas futuras produções artísticas e sua interferência na sociedade.

9 ASSIS, de Machado. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.



ARTISTAS DO OUTRO MUNDO

Na reunião da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, realizada em Paris, na noite do dia 23 de novembro de 1860, um espírito se manifestou da seguinte maneira:

Como eu desejo, antes de tudo, vos ser agradável, vou pedir-vos o que quereis que eu trate; se tendes um assunto, fazei as perguntas. Enfim, senhores, sou sempre o vosso devotado, Alfred de Musset.

O espírito que se comunicava espontaneamente era conhecido por todos, afinal o poeta, novelista e dramaturgo Alfred Louis Charles de Musset (Paris, 1810-57), havia desencarnado há pouco mais de 3 anos, tendo sido um dos expoentes literários do Romantismo Francês.

Kardec informa ao espírito que os participantes da reunião não haviam preparado nenhum assunto específico diante do imprevisto daquela manifestação, deixando-o à vontade para escolher o tema que desejasse, o que seria bem aceito por todos.

O dramaturgo francês, agora no mundo espiritual, fez então breve reflexão sobre os indivíduos que receiam a crença no Espiritismo por constatarem alguns pontos em desacordo com o Catolicismo, evocando neles o sentimento que devem buscar: da prática da caridade, da bondade, do esquecimento das injúrias que uma e outra religião possuem.

Todo esse diálogo, em detalhes, encontra-se registrado na *Revista Espírita* de dezembro de 1860, onde Kardec, materializando conversas informais ocorridas entre amigos e membros da Sociedade, oferece ao espírito os seguintes questionamentos:

Aproveitando da boa vontade do Espírito de Alfred de Musset, foram-lhe dirigidas as perguntas seguintes:

P: - Qual será a influência da poesia no Espiritismo?

R: - A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as feridas; a poesia foi dada ao homem como um maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou sobre a Terra para regenerar um pouco o seu povo, e não deixá-los embrutecer inteiramente; porque, o que há de mais belo! O que fala mais à alma do que a poesia!

P: - A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram alternativamente influenciadas pelas ideias pagãs e cristãs; quereis nos dizer se, depois da arte pagã e da arte cristã, haverá um dia a arte espírita?

R: - Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se verme de seda, depois borboleta. O que há de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! A arte pagã é o verme; a arte cristã é a crisálida; a arte espírita será a borboleta.¹⁰

Neste diálogo, pela primeira vez, o Codificador utiliza-se publicamente do termo *Arte Espírita*, vocábulo que é correspondido pelo espírito em oferecer sua resposta repleta

10 KARDEC, Allan. "Dissertações Espíritas". *Revista Espírita* – dezembro de 1860 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 560.

de imagens. Kardec faz então uma extensa reflexão sobre a resposta do artista desencarnado, que é também publicada no mesmo número.

Inicia o professor destacando que o espírito não pretendeu colocar a arte espírita em uma posição de superioridade à produção artística cristã já que o Espiritismo se apoia essencialmente no cristianismo, não vindo substituí-lo, mas completá-lo.

O vocábulo *pagã*, usado por Kardec e pelo espírito, não expressa um juízo de valor comparativo ao termo *cristã*, mas, como usual em seu tempo, apenas realiza uma identificação temporal para o período histórico, tendo a figura de Jesus como referencial, como explica o professor Glaucio Cardoso:

O termo “paganismo” tem sido tomado como designativo de tudo aquilo que não se refere ao cristianismo, sendo seu significado mais completo aquele que dá conta de sua ligação às doutrinas politeístas. Quando Kardec utiliza o termo em se tratando de arte está retratando bem a mentalidade de sua época (que também é a de nossa própria) que divide a história humana em duas fases, sendo o nascimento do Cristo seu marco.¹¹

Prosegue Kardec em suas reflexões lembrando-nos a origem das temáticas que inspiram uma e outra manifestação artística, a pagã, a cristã e a que será a Espírita, crendo que, o conhecimento da vida futura, a reencarnação, o mundo espiritual e o modo de pensar a vida a partir do conhecimento Espírita, produzirá uma manifestação artística de outra característica.

11 CARDOSO, Glaucio. “A Arte Espírita perante a tradição”. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTISTAS ESPÍRITAS. *Cadernos de Arte*. Florianópolis: Abrarte, vol. 1, 2008, p. 9.

A arte cristã, sobretudo, teve de inspirar-se nas terríveis provas dos mártires e revestir a severidade da origem materna; a arte espírita, representada pela borboleta, se inspirará nos vaporosos e esplêndidos quadros da existência futura desvendada; alegrará a alma que a arte cristã tomara de admiração e de temor; será o canto de alegria depois da batalha. (...)

O Espiritismo nos mostra o futuro sob uma luz mais à nossa altura; a felicidade está mais perto de nós, está ao nosso alcance, nos seres mesmo que nos cercam e com os quais podemos entrar em comunicação; a morada dos eleitos não é mais isolada: há solidariedade constante entre o céu e a terra; a beatitude não está mais numa contemplação perpétua, que não seria senão uma eterna e inútil ociosidade, ela está numa constante atividade para o bem, sob o próprio olhar de Deus; está, não na quietude de um contentamento pessoal, mas no amor mútuo de todas as criaturas chegadas à perfeição. O mau não está mais relegado às fornalhas ardentes, o inferno está no próprio coração do culpado que encontra, em si mesmo, o seu próprio castigo; mas Deus, em sua bondade infinita, deixando-lhe o caminho do arrependimento, ao mesmo tempo, deixa-lhe a esperança, essa sublime consolação do infeliz. (...)

Que fontes fecundas de inspiração para a arte! Que obras primas essas ideias novas não podem criar pela reprodução de cenas tão variadas e, ao mesmo tempo, tão suaves ou tão pungentes da vida espírita! Quantos assuntos, ao mesmo tempo, poéticos e palpitantes de interesse nesse comércio incessante dos mortais com os seres de além-túmulo, na presença, junto a nós, dos seres que nos são queridos! Isso não será mais a representação de despejos frios e inanimados, será a mãe tendo ao seu lado a sua filha querida, em sua forma etérea e radiosa de felicidade; um filho ouvindo

com atenção os conselhos de seu pai que vela por ele; o ser pelo qual se pede vem testemunhar o seu reconhecimento. (...)

Sim, nós o repetimos, o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso, e ainda inexplorado, e quando o artista trabalhar com convicção, como trabalharam os artistas cristãos, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações.¹²

Allan Kardec utilizou-se do termo Arte Espírita para identificar uma produção artística que tenha como ponto de partida e inspiração a visão de mundo proporcionada pelo Espiritismo. Na atualidade, este termo é utilizado com muito estranhamento por alguns e até mesmo negado por outros, produzindo uma reflexão de que aquilo que se realiza com o título de arte espírita não oferece nova estética artística que mereça essa classificação, acreditando filosoficamente alguns de que a *arte é arte e pronto*, não necessitando de termos complementares, preocupando-se ainda alguns com a excessiva adjetivação do termo espírita em nosso ambiente doutrinário.

No entendimento deste autor, Allan Kardec, com a sabedoria de quem construiu o arcabouço pedagógico de uma religião nova, ofereceu-nos uma visão simples sobre como a produção artística do indivíduo humano, poderia, no futuro, ser influenciada pelo conhecimento do Espiritismo e deu então um nome novo a uma nova “coisa”, chamando-a de Arte Espírita.

Como se não bastassem a comunicação de Alfred de Musset e o diálogo posterior com os artistas membros da SPEE,

12 KARDEC, Allan. “Arte Pagã, Arte Cristã, Arte Espírita”. *Revista Espírita* – dezembro de 1860 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 532-4.

que certamente embasou o Codificador a publicar estas reflexões no artigo citado, algumas semanas depois, em sua residência, de maneira privada, como ocorreu durante o trabalho de codificação do Espiritismo, Kardec teve a oportunidade de dialogar com o Espírito de Verdade sobre o assunto, conforme registrado na *Revista Espírita* de janeiro de 1861.

Não houve uma publicação posterior informando o conteúdo das explicações do Espírito de Verdade sobre a temática, mas, se ele houvesse censurado Kardec sobre o termo *Arte Espírita* ou o conteúdo de suas reflexões recentemente publicadas, teria o Codificador retratado-se em números posteriores da *Revista Espírita*, o que não ocorreu, pelo contrário, fez uso do mesmo termo, sob mesmo ponto de vista em outras ocasiões.

Sexta-feira, 7 de dezembro de 1860 (Sessão particular.)

Admissão do Sr. C..., professor em Paris, como associado livre.

Comunicações diversas. Leitura de uma dissertação assinada pelo Espírito de Verdade, obtida em uma sessão particular, na casa do Sr. Allan Kardec, a propósito da definição de arte, e da distinção entre a arte pagã, a arte cristã e a arte Espírita.

O Sr. Theub... completa essa definição, dizendo que se pode considerar a arte pagã como sendo a expressão do sentimento material, a arte cristã a da expiação, e a arte Espírita a do triunfo.¹³

13 KARDEC, Allan. "Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas". *Revista Espírita* – janeiro de 1861 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 20.



MONVOISIN, UM PINTOR ESPÍRITA

É a inauguração da arte espírita, por um homem que reuniu a fé sincera ao talento dos grandes mestres.

ALLAN KARDEC

Allan Kardec registra na Revista Espírita de dezembro de 1868 suas preocupações e pensamentos a respeito do futuro do Espiritismo, em um texto intitulado “A Constituição Transitória do Espiritismo”.

Entre ações voltadas à organização do nascente movimento, a gestão de recursos financeiros, a viabilidade da divulgação doutrinária, o Codificador expressa o desejo de estabelecer um museu espírita, onde reunir-se-iam os trabalhos mediúnicos mais notáveis, retratos de adeptos mais devotados e, no dizer do próprio, “as primeiras obras de arte espírita” (2009: 525). Ao texto, Kardec acrescenta uma nota onde indica que o futuro museu já possui suas primeiras obras.

O futuro museu já possui oito quadros de grandes dimensões, que só esperam um local conveniente, verdadeiras obras-primas de arte, especialmente

executadas em vista do Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os ofereceu à Doutrina. É a inauguração da **arte espírita**, por um homem que reuniu a fé sincera ao talento dos grandes mestres. Em tempo hábil daremos sua descrição detalhada.¹⁴
[Grifo nosso]

Oito anos após a comunicação de Alfred de Musset, coerente com suas posteriores reflexões, Kardec utiliza o termo *arte espírita* para indicar as pinturas criadas por um artista sob a inspiração do Espiritismo, atribuindo ainda a estes quadros a ação de inauguração da arte espírita.

Apesar de ter feito “mistério” à respeito do nome, provocando a curiosidade através da *Revista*, não pode ele revelar publicamente o nome do autor, pois 3 meses depois, em março de 1869 veio a desencarnar. Em junho de 1869, ao publicar ata da reunião da SPEE, a *Revista Espírita* divulgou que o nome do artista incógnito era o do ilustre pintor Raymond Monvoisin.

Raymond-Auguste Quinsac de Monvoisin (1790-1870) foi um pintor, desenhista e litógrafo francês. Conhecido pela pintura de gênero, história, paisagem e retrato. Aos 52 anos de idade deixou a França dirigindo-se para a América do Sul, radicando-se em Valparaíso, no Chile, tendo pintado praticamente toda a aristocracia chilena à época.

Em 1847, Monvoisin chega ao Brasil tendo recebido a atenção de D Pedro II. A pintura de D Pedro II, em seu traje imperial, considerado o mais fiel retrato do Imperador é de autoria de Monvoisin, tendo recebido por ela a insígnia de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro e uma pêndula de bronze.

14 KARDEC, Allan. “A Constituição Transitória do Espiritismo”. *Revista Espírita* – dezembro de 1868 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 526.

Retornou à França em 1858 tornando-se espírita, membro da SPEE e amigo de Allan Kardec.

Quando o Sr. Allan Kardec publicou esse artigo na Revista, ele tinha a intenção de dar a conhecer o nome do autor, a fim de que todos pudessem render homenagem ao seu talento e à firmeza de suas convicções.

(...)

É com esta intenção, senhores, que a senhora Allan Kardec me encarrega de vos saber fazer que seis dos quadros designados acima, foram remetidos às mãos de seu marido, que se acham atualmente entre os seus, e que ela os conservará em depósito até que um local apropriado, comprado com os fundos provenientes da caixa geral, e gerido por consequência sob a direção da comissão central encarregada dos interesses gerais da Doutrina, permita dispô-los de maneira conveniente.

(...) todo espírita poderá examinar e apreciar os quadros na residência particular da senhora Allan Kardec, às quartas-feiras, de duas horas às quatro horas.

[O autor] É, com efeito, o Sr. Monvoisin que, haurindo uma nova energia na firmeza de suas convicções, quis, apesar de sua idade avançada, concorrer ao desenvolvimento da Doutrina, abrindo uma era nova para a pintura, e se pondo à frente daqueles que, no futuro, ilustrarão a arte espírita. Nós não diremos mais a esse respeito; o Sr. Monvoisin é conhecido e apreciado por todos, tanto quanto artista de talento como espírita devotado, e ele tomará lugar ao lado do mestre, nas fileiras daqueles que terão muito merecido do Espiritismo.¹⁵

15 SPEE. "Museu do Espiritismo". *Revista Espírita* – junho de 1869 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 250-1.

Monvoisin teve a oportunidade, juntamente com outros artistas, de auxiliar o Professor Rivail a construir aquelas que seriam as obras básicas do Espiritismo, através da participação nas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e posteriores debates gerados pela *Revista Espírita*. Com a visão de mundo ampliada e intensa participação da espiritualidade, Allan Kardec vislumbrou o futuro que se descortinava pela disseminação do Espiritismo.

Na atualidade, multiplicam-se os artistas e grupos artísticos que, mergulhados neste ideal, inspiram-se e trabalham na materialização da arte espírita, cabendo ainda muitas estradas a trilhar no campo do estudo, da reflexão e da construção de seus saberes.

ESTUDOS ADICIONAIS

Tabela: ARTISTAS NA REVISTA ESPÍRITA

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Bernard Pallissy	Entrevista sobre Júpiter.	Abril de 1858	Ceramista francês (1510-1589). Viveu na corte Catarina de Médicis, desenhou aos 80 anos sob angustiosa provação, encarcerado na Bastilha.
Mozart	Assuntos diversos. Música e melodia.	Maior de 1858	Kardec não sabe a origem, mas reconhece o valor da comunicação.
Jodelle	Poesia – “O despertar de um espírito”.	Dezembro de 1858	Escrita por uma cesta.
Benvenuto Cellini	35 perguntas.	Abril de 1859	Escultor, ourives e escritor italiano. (1500 – 1571) Sessão na SPEE em 11 de março de 1859.
Alfred de Musset	Poesia – “Pensamentos Poéticos”.	Abril de 1859	
Mozart		Maior de 1859	Música ditada para o médium Bryon-Dorgeval.
Chopin		Maior de 1859	Evocado por Kardec na mesma comunicação de Mozart.
Sr. de Porry	Poema Espírita – “Urânia”	Novembro de 1859	

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Alfred de Musset	Arte Pagã, Cristã e Espírita.	Dezembro de 1860	Comunicação espontânea na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Médiun Srta Eugénie.
Lamennais		Mai de 1861	Hughes Félicité Robert de Lamennais (1782-1854) Filósofo, escritor e político frances. Medium Alfred Didier.
Joly (encarnado)	Poesia.	Junho de 1861	Um correspondente de Lyon.
Eugène Scribe		Outubro de 1861	Augustin Eugène Scribe (1791-1861). Dramaturgo e libretista francês. Recebida na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.
Fénelon		Outubro de 1861	François Fénelon, pseudônimo de François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715). Teatrólogo católico, poeta e escritor francês. Enviada pela Sociedade Espírita de Sens.
C. Dombre (Encarnado)	Poesias: “Os Camponeses e o Carvalho” e “O Ouriço, o Coelho e a Pega”.	Novembro de 1861	

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Lamennais		Dezembro de 1861	Médium: Alfred Didier.
Béranger	Poesias.	Janeiro de 1862	Pierre Jean de Béranger (1780 – 1857). Poeta, libretista e compositor. Enviada pela Sociedade Espírita do México, 20 de abril de 1859.
C. Dombre (Encarnado)	Poesia: “O Vento”	Fevereiro de 1862	
Lamennais	Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais.	Fevereiro de 1862	Médium: A. Didier.
Nicolas Poussin	O Realismo e o Idealismo em Pintura.	Março de 1862	Pintor francês. Médium: A. Didier.
Lamennais	A Caridade para com os criminosos.	Março de 1862	
Elisa Mercoeur	Poesia: “Crede nos espíritos do Senhor” e “As Vozes do Céu”.	Abril de 1862	Médium, senhora Cazemajoux. Sociedade Espírita de Bordeaux.
Lamennais	Os Mártires do Espiritismo	Abril de 1862	Médium: A. Didier.
Désiré Légrise	Poeta Argelino	Mai de 1862	Sociedade Espírita da Argélia. - Médium, Sr. B....
David, pintor	O Menino Jesus no meio dos Doutores.	Junho de 1862	Senhora Donzon em sua residência.
Lamennais	Comentários sobre o quadro de Ingres: “O menino Jesus no meio dos Doutores”.	Junho de 1862	Médium: A. Didier.

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Teu Anjo Guardiã	Poesia: “A Criança e a Visão”	Julho de 1862	Médium, Sr. Ricard. Sociedade Espírita de Bordeaux.
Lamennais	César, Clóvis e Carlos Magno	Julho de 1862	Médium: A Didier. Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.
Lamennais	O Perdão.	Agosto de 1862	Médium: A Didier. Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.
B. Joly	Poesia: “Peregrinações da Alma”.	Setembro de 1862	Herborista de Lyon.
Ducis	Poesia: “O Anjo Guardiã”.	Setembro de 1862	Médium, senhorita O... Sociedade Espírita Africana.
Ducis	Poesia: “A Criança e o Ateu”.	Outubro de 1862	Médium, senhorita O... Sociedade Espírita Africana.
Dombre (de Marmande)	Poesia: “A abóbora e a sensitiva”.	Outubro de 1862	
Lamennais	A razão e o sobrenatural.	Outubro de 1862	Médium A Didier. Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.
Sem autor	Poesia: “Meu Testamento”.	Novembro de 1862	Bordeaux. – Médium: E. Collignon.

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Espírito batedor não identificado	Poesia: "O Monólogo de um Asno".	Novembro de 1862	O Sr. Jaubert, de Carcassonne.
Boïeldieu		Janeiro de 1863	Recitadas na milésima representação da Dama Branca, no teatro da Ópera Cômica, em 16 de dezembro de 1862.
Espírito Batedor de Carcassonne	Poesia Espírita: "O Doente e o Médico"	Fevereiro de 1863	Conto dedicado ao Sr. Redator do Renard, de Bordeaux, pelo Espírito batedor de Carcassonne.
Um Espírito Protetor	Poesia: Por que se lamentar?	Março de 1863	Grupo Espírita de Pau – Médium: Sr. T...
Teu Anjo-da-Guarda	Poesia: Mãe e Filho	Março de 1863	Sociedade Espírita de Bordeaux, 6 de julho de 1862 – Médium: Sr. Ricard.
Raoul de Navery	Poesia: Meditações sobre o Futuro.	Junho de 1863	Lida na Sociedade Espírita de Paris, em 27 de março de 1863.
Lamennais	As épocas de transição na humanidade	Julho de 1863	Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863. – Médium: Sr. Alfred Didier.

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Lamennais	O purgatório	Setembro de 1863	Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863. – Médiun: Sr. Alfred Didier.
Lamennais	Longevidade dos patriarcas	Outubro de 1863	Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862. – Médiun: Sr. A. Didier.
Lamennais	Sobre a alimentação do homen	Dezembro de 1863	Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862. – Médiun: Sr. A. Didier.
Robert de Luzarches	Sobre a arquitetura e a imprensa, a propósito da comunicação de Guttemberg.	Abril de 1864	Robert deLuzarches (1160-1228) Arquitecto medieval Sociedade Espírita de Paris. – Médiun: Sr. A. Didier.
Lamennais		Julho de 1864	Médiun: Sr. A. Didier
Doutor Niéger.	Poesia: “Inspiração de um ex-incrédulo a propósito de o livro dos espíritos”.	Fevereiro 1865	27 de dezembro de 1864.
Marie-Caroline Quillet	Poesia: “O Espiritismo”.	Abril de 1865	Membro da Sociedade dos Escritores.
Lamennais	Cura moral dos encarnados	Julho de 1865	Médiun: Sr. A. Didier.

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Lamennais	A comuna de koenigsfeld, o mundo futuro em miniatura.	Julho de 1865	
C. Dombre, de Marmande	Poesia Espírita: "Um Fenômeno – Fábula".	Novembro de 1865	
Théophile Gautier	Romances Espiritas – Espírita.	Dezembro de 1865	
Sr. Eugéne Nus	Pensamentos Espíritas - Poesia	Abril de 1866	
Um Espírito Poeta	Poesia: "Para o Teu Livro"	Junho de 1866	Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866. – Médiun: Sr. V...
Alfred de Musset	Poesia a um crítico de anterior poesia.	Junho de 1866	Médiun: Sr. V...
Casimir Delavigne	Poesia: "A prece para os espíritos"	Julho de 1866	Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866. – Médiun: Sr. V...
J. Méry.	Poesia: "Méry, o Sonhador".	Agosto de 1866	Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vasseur.
Casimir Delavigne.	Poesia: "A Prece Da Morte Para Os Mortos".	Agosto de 1866	Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vasseur.
Jean	Poesia: "Lembrança"	Fevereiro de 1867	Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vasseur
Srta. L. O. Lieutad, de Rouen.	Poesia: "A Bernard Palissy"	Março de 1867	

ARTISTA	TEMA	REVISTA	DETALHES
Jules-Stany Doinel (d'Aurillac).	Poesia: "Aos Espíritos Protetores"	Julho de 1867	
Um artista, Ducornet	As artes e o Espiritismo	Janeiro de 1869	Paris, grupo Desliens, 25 de novembro de 1868 – Médium: Sr. Desliens.
Rossini	A Música Espírita	Janeiro de 1869	Paris, grupo Desliens, 9 de dezembro de 1868 – Médium: Sr. Desliens
Rossini	A Música e as Harmonias Celestes	Março de 1869	Paris, grupo Desliens, 5 de janeiro de 1869. – Médium: Sr. Desliens. E 17 de janeiro de 1869. – Médium: Sr. Nivard.

ÍNTEGRA DO DIÁLOGO DE KARDEC
COM ALFRED DE MUSSET

ALFRED DE MUSSET¹⁶

Médium – Srta. Eugénie

Na sessão da Sociedade do dia 23 de novembro, um Espírito comunicou-se espontaneamente, escrevendo o seguinte:

Como desejo, antes de tudo, vos ser agradável, pergunto de que tema quereis que eu trate. Se tiverdes um assunto, perguntai. Enfim, Senhores, sou sempre o vosso dedicado.

Alfred de Musset

– Sendo vossa visita imprevista, não temos um assunto preparado. Pedimos, pois, que vos digneis de tratar um à vossa escolha. Seja qual for, ficaremos muito reconhecidos.

– Tendes razão. Sim, porque meu Espírito, em particular, e nós todos, em geral, conhecemos melhor as vossas necessidades e melhor podemos escolher as comunicações, do que faríeis vós mesmos.

¹⁶ KARDEC, Allan. *Revista Espírita* – dezembro de 1860 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 558-61.

“De que vou tratar? Sinto-me assaz embaraçado em meio a tantos assuntos interessantes. Começemos por falar daqueles que desejam ardentemente ser espíritas, mas que parecem recuar diante do que julgam uma apostasia. Falemos, pois, para os que recuariam ante a idéia de se acharem em contradição com o catolicismo. Ouvi bem, digo catolicismo e não Cristianismo.

Temeis renegar a fé de vossos pais? Erro! Vossos pais, os primeiros, os que fundaram essa religião sublime em sua origem, eram mais espíritas do que vós; pregavam a mesma doutrina que hoje vos ensinam. E quem diz: Espiritismo, como vossa religião, diz: caridade, bondade, esquecimento e perdão das injúrias. Como o catolicismo, ele vos ensina a abnegação de si mesmo. Podeis, pois, consciências timoratas, reuni-los e vir, sem escrúpulo, sentar-vos a esta mesa e conversar com os seres de quem sentis saudade. Como vossos pais, sede caridosos, bons, compassivos, e no fim da estrada tereis todos o mesmo lugar; no fim do caminho, a balança que pesará vossas ações terá os mesmos pesos e a obra o mesmo valor. Vinde sem temor, eu vos peço; vinde, mulheres graciosas, com o coração cheio de ilusões; vinde aqui, e estas serão substituídas por realidades mais belas e mais radiosas; vinde, esposa de coração duro, que sofreis a vossa aridez, aqui está a água que amolece a rocha e estanca a sede; vinde, mulheres amantes, que em toda a vossa vida aspirais à felicidade, que medis a profundidade de vosso coração e desesperais de preenchê-la; vinde, mulher de inteligência ávida, vinde: aqui a ciência corre clara e pura; vinde beber nesta fonte que rejuvenesce. E vós, velhos, que vos curvais, vinde e rireis na face de toda essa juventude que vos desdenha, porque, para vós, se abrem as portas do santuário, para vós o nascimento vai recomeçar e trazer a felicidade de vossos primeiros anos; vinde, e nós vos faremos ver os irmãos que vos estendem os

braços e vos esperam; vinde, pois, todos, porque para todos há consolações.

Vede que me presto de boa vontade; dispõe de mim e me dareis prazer.”

Aproveitando a boa vontade do Espírito Alfred de Musset, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1º Qual será a influência da poesia no Espiritismo?

Resp. – A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as chagas. A poesia foi dada aos homens como o maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou à Terra para regenerar um pouco o seu povo e não deixar que se embruteçam completamente. Pois o que haverá de mais belo, que mais fale à alma que a poesia?

2º A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram, sucessivamente, influenciadas pelas ideias pagãs e cristãs. Podeis dizer se, depois das artes pagã e cristã, haverá um dia a arte espírita?

Resp. – Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se bicho da seda, depois borboleta. Que há de mais etéreo, de mais gracioso que uma borboleta? Pois bem! A arte pagã é o verme; a arte cristã o casulo; a arte espírita será a borboleta.

[A respeito vide o artigo anterior sobre a arte pagã, a arte cristã e a arte espírita].

3º Qual a influência da mulher no século dezenove?

Nota – Esta pergunta foi feita por um jovem, estranho à Sociedade.

Resp. – Ah! é o progresso. E é um jovem quem faz a pergunta; magnífico; eu mesmo seria muito amador para não

deixar de responder, e estou certo de que todos o desejam também.

A influência da mulher no século dezenove! Acreditais que ela tenha esperado esta época para que continueis a dominá-la, pobres e fracos homens que sois? Se tentastes aviltá-la, foi porque a temíeis; se tentastes abafar a sua inteligência, foi porque receastes a sua influência. Somente em seu coração não pudestes opor barreiras. E como o coração é o presente que Deus lhe deu em particular, continuou senhor e soberano. Mas eis que a mulher também se faz borboleta: ela quer sair de seu casulo; quer reconquistar seus direitos divinos; como aquela, lança-se na atmosfera e dir-se-ia que respira o ar em seu justo valor. Não julgueis que eu as queira transformar em eruditas, letradas, poetisas. Não; mas eu quero, querem aqui, no mundo em que habito, que aquela que deve elevar a Humanidade seja digna de seu papel; que aquela que deve formar os homens comece a se conhecer a si mesma e, para lhes infiltrar desde tenra idade o amor do belo, do grande, do justo, é necessário que ela possua esse amor num grau superior, é preciso que o compreenda. Se o agente educador por excelência for reduzido ao estado de nulidade, a sociedade vacilará. É o que deveis compreender no século dezenove.

A ARTE ESPÍRITA PERANTE A TRADIÇÃO¹⁷

Assim como a Arte cristã sucedeu a Arte pagã, transformando-a, a Arte espírita será o complemento e a transformação da Arte cristã.

ALLAN KARDEC

A frase acima tem sido utilizada por artistas espíritas e entusiastas de sua arte como verdadeira bandeira das novas ideias que bafejarão a renovação moral da arte. É de fato uma bela imagem que apreende, em poucas linhas, séculos de história da produção humana.

Dada a relevância da afirmação kardequiana, é justo que sobre ela nos debruçemos, problematizando-lhe o sentido e buscando entender qual será o lugar da Arte Espírita no contexto das manifestações artísticas em geral. Para tanto, traçarei um pequeno panorama histórico, evidentemente resumido por questões do espaço que seria necessário para um roteiro mais completo.

¹⁷ CARDOSO, Glaucio. "A Arte Espírita perante a tradição". In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTISTAS ESPÍRITAS. *Cadernos de Arte*. Florianópolis: Abrarte, vol. 1, 2008, p. 9-11.

Detenhamo-nos, de início, no que o Codificador chama de Arte pagã. O termo “paganismo” tem sido tomado como designativo de tudo aquilo que não se refere ao cristianismo, sendo seu significado mais completo aquele que dá conta de sua ligação às doutrinas politeístas. Quando Kardec utiliza o termo em se tratando de arte está retratando bem a mentalidade de sua época (que também é a de nossa própria) que divide a história humana em duas fases, sendo o nascimento do Cristo seu marco.

Que não se pense, no entanto, que a expressão *pagã* é empregada por Kardec de modo pejorativo. Nem se pode dizer, em se tratando de arte, que a de um tipo ou povo é superior ou inferior em comparação com outras manifestações estéticas que se sucedem no espaço e no tempo.

Sabe-se que as primeiras manifestações artísticas remontam à pré-história e que as chamadas pinturas rupestres, qualquer que fosse sua função cujo conhecimento se perdeu na esteira do tempo, não eram todas iguais, já apresentando diferenças que se poderiam chamar, por comparação, de estilos individuais. Posteriormente, em diversas civilizações, as manifestações artísticas ligavam-se ora à religiosidade, ora a questões puramente estéticas.

Portanto, o vocábulo “pagã” é utilizado por Kardec, e por outros intelectuais de sua época, apenas com a finalidade de estabelecer uma linha temporal.

Com o advento do cristianismo e posteriormente sua disseminação pelo mundo mediante diversos movimentos sócio-político-religiosos, a chamada **arte cristã** passa então a ser a representante direta do poder da igreja. Esta arte dividia espaço com a arte profana (*pro* = fora; *fanum* = templo; literalmente *de fora do templo*) e com ela se comunicava, retirando da tradição artística os elementos que lhe eram necessários para constituir-se enquanto ARTE e fugir do puro e simples proselitismo.

Os diversos estilos ou tendências estéticas que se sucedem no tempo, nada mais são que mostras do pensamento humano em determinada época. Cada estilo buscará na estética anterior os elementos mediante os quais se constituirá como arte, seja através de sua manutenção, seja por sua negação (o que é mais frequente).

Tomando a frase de Kardec em seu aspecto mais simples, pode-se dizer que a arte espírita será filha natural da Arte Cristã, que por sua vez é filha da Arte Pagã, uma configuração resumida do conceito de **tradição**.

Mas o que exatamente é a tradição? Cito como tentativa de resposta a definição de Octavio Paz:

Entende-se por tradição a transmissão, de uma geração a outra, de notícias, lendas, histórias, crenças, costumes, formas literárias e artísticas, idéias e estilos; [...]
(1984: 17)

A Arte Espírita será, portanto, a herdeira de toda a riqueza de séculos de arte, não havendo possibilidade de ela se constituir sozinha, i.e., sem o diálogo com a tradição cultural humana de séculos e séculos.

Apresentam-se aqui questionamentos relevantes: O artista espírita precisa conhecer arte para fazer arte? A Arte Espírita necessita dialogar com a tradição e a contemporaneidade? Busquemos caminhos para as respostas.

O poeta e ensaísta americano T. S. Eliot assinala que a tradição é obtida pelo artista como resultado de um grande trabalho de aquisição, o que equivale a dizer que para fazer arte é preciso conhecer arte. Neste processo de enriquecimento cultural está envolvido o que Eliot chama de *sentido histórico* o qual

Compreende uma percepção não só do passado, mas da sua presença; o sentido histórico compele o homem a escrever não apenas com sua própria geração no sangue, mas também com um sentimento de que toda a literatura desde Homero [...] possui uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea. (1997: 22-3)

Concebemos, portanto, que a Arte Espírita não poderá ser arte por excelência se menosprezar o processo histórico do qual é resultante. Aquele que se propõe a se expressar com conteúdo espírita aliado à qualidade estética deve investir em seu processo de aquisição cultural. Ainda segundo Eliot:

Nenhum poeta, nenhum artista de qualquer arte, detém, sozinho, o seu completo significado. O seu significado, a sua avaliação, é a avaliação da sua relação com os poetas e artistas mortos. [...] Os monumentos existentes formam uma ordem ideal, a qual é modificada pela introdução a nova, da verdadeiramente nova, obra de arte. (1997:23)

E quanto ao lugar da Arte Espírita no contexto da tradição? Simples, o mesmo lugar que ocupa a Arte Cristã. A Arte Espírita será mais uma dessas rupturas presentes em toda a tradição da cultura humana. E é justamente por ser ruptura que se ligará à tradição, se levarmos em conta a afirmativa de Octavio Paz que, em *Os filhos do barro*, assevera a existência de uma tradição da ruptura que implicaria numa dupla negação: da tradição e a da própria ruptura. Em termos mais simples pode-se afirmar que a Arte Espírita necessita ter o seu tanto de tradição e o seu tanto de ruptura para que realmente seja ARTE.

Retomando a frase de Kardec, a Arte Espírita complementarizará a tradição, pois, assim como todas as expressões da sensibilidade humana, desenvolverá elementos latentes das artes que estão aguardando serem devidamente observados; será a sua transformação ao apontar rumos novos que têm sua origem nos antigos conceitos. O diálogo com a tradição e a contemporaneidade leva à qualificação; a Arte Espírita, portanto, só alçará o voo da borboleta a partir do momento que deixar de estar fechada em si e buscar sua qualificação mediante seu enriquecimento cultural. Tal enriquecimento deve partir de cada artista, dentro de sua própria área de atuação.

Glaucio Cardoso

Referências bibliográficas

ELIOT, T. S. *A tradição e o talento individual* (Tradition and the Individual Talent). Trad. de Fernando de Mello Moser: 2a ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas* (Oeuvres Posthumes). Trad. De Guillon Ribeiro. 22a ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro* (Los hijos del limo). Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ESTUDO 2

ARTE EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS

A arte tem como meta materializar a beleza invisível de todas as coisas, despertando a sensibilidade e aprofundando o senso de contemplação, promovendo o ser humano aos páramos da Espiritualidade.

Graças à sua contribuição, o bruto se acalma, o primitivo se comove, o agressivo se apazigua, o enfermo se renova, o infeliz se redescobre, e todos os outros indivíduos ascendem na direção dos Grandes Cimos.

A Arte permanecerá no mundo assinalando as fases de progresso ou de tormento das criaturas, porém oferecendo sempre harmonia e trabalhando os sentimentos elevados.

Desse modo, evoluiu do grotesco ao transcendental, aprimorando as qualidades e tendências, que estarão sempre à frente dos comportamentos de cada época. Lentamente, e às vezes com rapidez, a Arte se desenvolve alterando os conteúdos e melhor qualificando a mensagem de que se faz portadora.

Vianna de Carvalho¹⁸

18 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Vianna de Carvalho. *Atualidade do Pensamento Espírita*. 3ª. Ed. Salvador: LEAL, 2002, p. 126.



O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Boudin e Japhet. Sobrenomes conhecidos por aqueles que se dedicam a estudar o Espiritismo, em especial o mecanismo que deu origem ao seu livro básico: *O Livro dos Espíritos*.

Caroline Boudin, Julie Boudin e Celine Japhet, adolescentes com idades entre 14 e 18 anos, auxiliaram, mediante suas mediunidades, o pedagogo francês Hipolyte Rivail a organizar e revisar as primeiras edições de *O Livro dos Espíritos*, lançado em 18 de abril de 1857, inicialmente com 501 perguntas, e que teve em sua segunda edição a relação de 1019 questões, que prevalecem atuais até os dias de hoje.

Ao editá-lo, o autor, utilizando-se do pseudônimo “Allan Kardec”, ofereceu à sociedade da época e da atualidade, reflexões sobre a natureza divina, as causas primárias, a evolução, o mundo dos espíritos, conceitos sobre as leis morais, ponderações sobre o futuro dos homens, seu estado após a morte, etc.

As manifestações artísticas também despertaram o interesse de Allan Kardec. Entre os questionamentos realizados aos espíritos, oito perguntas objetivas sobre o tema ARTE foram feitas. Suas respostas devem ser objeto de estudo dos fazedores e interessados em compreender a manifestação artística e sua relação com os temas doutrinários. Sugerimos que elas não sejam estudadas isoladamente, mas dentro do contexto do próprio livro em que elas se encontram.

Como exemplo, podemos citar a questão 245, na qual Kardec questiona se o dom da visão é limitado para o espírito, se é localizado em algum órgão e se eles precisam da presença da luz para ver. Ao responder, eles esclarecem que o espírito desencarnado não precisa da luz exterior e que a visão é percebida por todo o ser, não por um órgão específico. Kardec questiona então sobre os sons, se os espíritos perceberiam da mesma forma (questões 249 e 249-a) o que é confirmado pela espiritualidade, indicando que em estado de liberdade estas percepções deixam de estar localizadas em único órgão.

Faz então Kardec a pergunta registrada como a de número 251:

Os Espíritos são sensíveis a música?

“Referi-vos à vossa música? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra vos pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma suave melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por não lhes ser dado ainda compreender outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, em razão de terem muito desenvolvidas as suas qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste que é tudo o que de mais belo e suave a imaginação espiritual pode conceber.”¹⁹

Ao se estudar a questão 251, juntamente com as questões 245, 246, 248, 249, 249-a, obtêm-se uma melhor compreensão de como a música pode ser percebida pelos espíritos.

Em alguns trechos de *O Livro dos Espíritos*, Kardec utiliza da comparação com a arte, sua aprendizagem e o uso de

19 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos* (Le livre des esprits). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro FEB, 2010, p. 222-3.

instrumentos musicais, como imagem para ilustrar alguma explicação necessária, mas nestes casos, o assunto diretamente não é a arte, tratando-se apenas de um recurso estilístico.

Como contribuição aos estudos sobre a arte e sua relação com o Espiritismo, apresento as questões objetivas que Kardec fez aos espíritos, com suas respostas, comentários e minhas sugestões de outras questões, do mesmo capítulo, que devem auxiliar a melhor compreensão do assunto.

QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE ARTE EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Parte Segunda - Cap. IV – Da pluralidade das Existências - Ideias inatas

Questão 220 – *Mudando de corpo, pode o Espírito perder algumas faculdades intelectuais, deixar de ter, por exemplo, o gosto das artes?*

“Sim, se corrompeu sua inteligência ou a utilizou mal. Além disso, uma faculdade qualquer pode ficar adormecida durante uma existência inteira, se o Espírito quiser exercitar outra que com ela não guarde relação. Neste caso, permanece em estado latente, para ressurgir mais tarde.” (2010: 195)

Sugestão complementar: *Questões: 218, 218-a, 218-b, 219.*

Parte Segunda - Cap. VI – Da Vida Espírita - Percepções, Sensações e Sofrimento dos Espíritos.

Questão 251 - *Os Espíritos são sensíveis a música?*

“Referi-vos à vossa música? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra

vos pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma suave melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por não lhes ser dado ainda compreender outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, em razão de terem muito desenvolvidas as suas qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste que é tudo o que de mais belo e suave a imaginação espiritual pode conceber.” (2010: 222-3)

Sugestão complementar: *Questões: 245, 246, 248, 249, 249-a.*

Parte Segunda - Cap. VI – Da Vida Espírita – Recordações da Existência Corporal.

Questão 315 – *Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura, conserva pelas suas obras o amor que lhes tinha quando vivo?*

“De acordo com a sua elevação, ele os julga de outro ponto de vista e, frequentemente, condena o que mais admirava.”

Questão 316 – *O Espírito se interessa ainda pelos trabalhos que se fazem na Terra, pelo progresso das Artes e das Ciências?*

“Depende de sua elevação ou da missão que possa ter de desempenhar. Muitas vezes, o que vos parece magnífico é bem pouca coisa para certos espíritos. Eles o admiram como um sábio admira a obra de um estudante. Examinam apenas o que prove a elevação dos Espíritos encarnados e seus progressos.” (2010: 255)

Sugestão complementar: *Questões: 311, 312, 313, 314.*

Parte Segunda - Cap. IX – Da Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal - Anjos de Guarda. Espíritos Familiares, Protetores ou Simpáticos

Questão 521 – *Certos Espíritos podem auxiliar o progresso das Artes, protegendo os que se dedicam a elas?*

“Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando os julgam dignos. Mas que quereis que façam com os que pensam ser o que não são? Eles não fazem os cegos verem, nem os surdos ouvirem.”

Os Antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das Ciências e das Artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. Entre os Modernos, as Artes as diferentes indústrias, as cidades, os países também têm seus patronos ou protetores, que nada mais são que Espíritos superiores, embora sob outros nomes.

Tendo cada homem Espíritos que com ele simpatizam, segue-se que, em *todas as coletividades*, a imensa maioria dos Espíritos que lhes votam simpatia guarda proporção com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos para essas coletividades pela identidade dos gostos e dos pensamentos; em suma, que esses agrupamentos de pessoas, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos envolvidos, assistidos e influenciados, de acordo com a natureza dos pensamentos dominantes daqueles que os compõem.

Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e, sobretudo, as leis, porque o caráter de uma nação se reflete nas suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre si combatem a influência dos Espíritos maus. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à Humanidade, os Espíritos bons ficam em minoria, e a massa dos maus, que

para ali aflui, mantém suas ideias e paralisa as boas influências parciais, que ficam perdidas na multidão, tal como uma espiga isolada entre espinheiros. Estudando-se o costume dos povos ou de qualquer agrupamento humano, facilmente se forma ideia da população oculta que se intromete nos seus pensamentos e atos.

Sugestão complementar: *Questões: 489, 490, 491, 501, 504, 505, 512, 517, 518, 519, 520*

Parte Segunda - Cap. X – Ocupações e Missões dos Espíritos.

Questão 565 – *Os Espíritos examinam os nossos trabalhos de Arte e se interessam por eles?*

“Examinam o que possa provar a elevação dos Espíritos e seus progressos.”

Questão 566 – *Um Espírito que se dedicou a uma especialidade na Terra, um pintor ou um arquiteto, por exemplo, se interessa mais pelos trabalhos que constituíram objeto de sua predileção durante a vida?*

“Tudo se confunde num objetivo geral. Se for bom, o Espírito se interessará por eles desde que lhe permitam auxiliar as almas a se elevarem para Deus. Aliás, esqueceis que um Espírito que cultivou certa arte na existência em que o conhecestes, pode ter cultivado outra, em outra existência, já que é preciso que saiba tudo para ser perfeito. Assim, conforme o grau do seu adiantamento, pode ser que nenhuma delas constitua uma especialidade para ele. É isso que entendo quando digo que tudo se confunde num objetivo geral. Notai ainda o seguinte: o que é sublime para vós, no vosso mundo atrasado, não passa de infantilidade, comparado ao que há nos mundos mais adiantados.

Como pretendeis que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes que desconheceis, admirem algo que, para eles, não passa do trabalho de um aprendiz? Como eu já vos disse, eles examinam o que possa provar o progresso." (2010: 371-2).

Sugestão complementar: *Questões: 566-a*

ESTUDO 3

O ARTISTA

O legítimo portador da beleza caracteriza-se pelo conteúdo da mensagem que expressa, enriquecendo a Humanidade com paz, com inspiração e engrandecimento moral, fazendo que, através da sua manifestação de arte, as pessoas se encontrem e confraternizem, respeitando-se umas às outras, sem os apelos às paixões perturbadoras que induzem à violência, ao sexo desvairado, aos tormentos que des governam as emoções com predominância das sensações.

O artista real é missionário de Deus como cocriador junto à Humanidade. A sua contribuição permanece edificando, mesmo quando ele morre, e não raro, pela qualidade e profundidade do conteúdo da sua inspiração, que antecipa o futuro, não é reconhecido como gênio, senão depois da morte.

Vianna de Carvalho²⁰

20 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Vianna de Carvalho. *Atualidade do Pensamento Espírita*. 3ª. Ed. Salvador: LEAL, 2002, p. 128.

VISÃO DA ESPIRITUALIDADE

Em 1941, a Federação Espírita Brasileira publicava *O Consolador*, 13º livro psicografado por Francisco Cândido Xavier. No mesmo ano em que, no dia 1º de maio, Getúlio Vargas assinava o Decreto Lei que instaurou a Justiça do Trabalho e que uma embarcação com bandeira brasileira, ao navegar no mar mediterrâneo, foi atacada por um avião de guerra nazista. Tratava-se do vapor Taubaté, que navegava do Chipre para Alexandria com um carregamento de batatas, lã e vinho, ataque que não afundou a embarcação, mas causou a morte do primeiro brasileiro na Segunda Grande Guerra, o conferente José Francisco Fraga.

*O Consolador*²¹, da autoria do espírito Emmanuel, amigo e orientador do médium Chico Xavier, realiza um estudo de leque temático extenso, em forma de perguntas e respostas, feitas pelos integrantes do Grupo Espírita Luís Gonzaga, organizadas e catalogadas pelo próprio Emmanuel.

O autor espiritual divide o livro em partes e itens, sendo que na segunda parte, onde constam os itens “Vida”, “Sentimento”, “Cultura”, “Iluminação” e “Evolução”, organizou as perguntas feitas sobre a temática da arte, especificamente no item “Sentimento”.

21 XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito Emmanuel. *O Consolador*. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

A primeira questão proposta a Emmanuel é desafiadora: O que é Arte?

A dificuldade em se definir o que é Arte reside na capacidade que o termo possui de se alterar conforme a mudança dos ambientes culturais do indivíduo, o que dá ao conceito de Arte uma construção cultural mutável sem significado constante. Em uma mesma época pode haver variações do que se classifica ou não como arte.

Sem ater-se a parâmetros gerais válidos e consensuais e a contextos geográficos e culturais, Emmanuel, como característica dos espíritos que já alcançaram significativa evolução espiritual, oferece em sua resposta uma visão ampla sobre o assunto.

A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse “mais além” que polariza as esperanças da alma.

O artista verdadeiro é sempre o “médium” das belezas eternas e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas mais vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o Infinito e abrindo, em todos os caminhos a ânsia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, de sabedoria, de paz e de amor.(1990: 100)

Na resposta à questão 161 de *O Consolador*, Emmanuel indica a relação existente entre arte e o que ele chamou de contemplação espiritual sendo ela a manifestação divina que todos temos em nosso íntimo. Contemplar é um ato que exige voltar-se para dentro de si mesmo, de maneira profunda e intensa, a ponto de ser absorvido pelo que contempla. Contemplar espiritualmente pode então ser comparado ao ato

de, em fazendo uma ação de meditação interior, íntima e única, compreender e sentir a espiritualidade e a divindade, polarizando nossas esperanças no caminho da evolução.

O Espírito André Luiz, que com suas obras mediúnicas retirou os véus do mundo espiritual oferecendo-nos o conhecimento minucioso sobre sua organização e a relação com o mundo físico, explicando cientificamente os mecanismos espirituais da vida e sua inter-relação com a moral do indivíduo, em seu livro *Nos Domínios da Mediunidade*, oferece-nos o pensamento de que “A Arte é a mediunidade do Belo, em cujas realizações encontramos as sublimes visões do futuro que nos é reservado” (1970: 282)²².

O belo é um conceito subjetivo ligado à estética, que pode indicar determinadas características de seres e coisas não sendo definido exclusivamente pela vontade do gosto particular. A Grécia Clássica, por exemplo, nos deixou impressões para o belo que atravessaram a história das artes, indicando as características de ordem, simetria e proporção.

Neste mundo o lindo é necessário. Há mui poucas funções tão importantes como esta de ser encantadora. Que desespero na floresta se não houvesse o colibri! Exalar alegrias, irradiar venturas, possuir no meio das coisas sombrias uma transmutação de luz, ser o dourado do destino, a harmonia, a gentileza, a graça, é favorecer-te. A beleza basta ser bela para fazer bem. (HUGO, 1866: 74)²³

22 XAVIER, Francisco Cândido. Pelo Espírito André Luiz. *Nos domínios da mediunidade*. 17ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

23 HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar* (Les Travailleurs de la mer). Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1866, p. 74.

Leon Denis, apóstolo do Espiritismo, contemporâneo de Kardec e um dos maiores defensores de suas ideias após sua desencarnação, em seu livro *O Espiritismo na Arte*, propõe explicitamente a existência de uma relação entre arte e divindade iniciando uma reflexão sobre a necessidade que o espírito eterno possui de ampliar sua percepção de beleza em seu processo de evolução espiritual.

Dissemos que o objetivo essencial da arte é a procura e a realização da beleza; é, ao mesmo tempo, a procura de Deus, pois que Deus é a fonte primeira e a realização perfeita da beleza física e moral.

Quanto mais a inteligência se apura, se aperfeiçoa e se eleva, mais se impregna da ideia do belo. O objetivo essencial da evolução, portanto, será a procura e a conquista da beleza, a fim de realizá-la no ser e nas suas obras. Tal é a norma da alma na sua ascensão infinita. (DENIS, 2006: 20-1)²⁴

Luiz e Denis oferecem à nossa reflexão, o papel que a arte pode desempenhar de ser intermediária de contato entre o indivíduo e Deus, O Belo Eterno. André Luiz, ousadamente, propõe ainda que “A Arte é a mediunidade do Belo”, indicando a possibilidade de que o artista possa então com sua obra, tornar-se médium da divindade, oferecendo sublimes visões aos encarnados, sensibilizando-os para a Obra de Deus.

24 DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte* (Le spiritisme dan l’Art). Trad. de Albertina Escudeiro Sêco. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2006.



O ARTISTA. MISSÃO E RESPONSABILIDADE

É possível estabelecer uma definição genérica indicando que o artista é a pessoa que produz, de maneira criativa, algum tipo de arte. Como o conceito de artista está diretamente ligado ao conceito de arte, a sua definição também tem variado através da história da humanidade. Não só sua definição tem sido objeto de estudos acadêmicos científicos como também sua função.

Em 7 de outubro de 1949, nascia na cidade de Niterói, o menino José Raul Teixeira, que mais tarde se tornaria educador, orador e médium espírita. Licenciado em Física, mestre e doutor em educação, Raul Teixeira, um dos conferencistas mais requisitados no país, é conhecido por suas 35 obras psicografadas e pelas palestras proferidas no Brasil e em 45 países pelo mundo, sempre levando o esclarecimento da mensagem espírita.

Em um dos muitos programas de TV de caráter espírita espalhados pelo Brasil, Raul teve a oportunidade de dialogar com o público sobre o tema Arte Espírita, onde ofereceu pontos para nossa reflexão e ponderação sobre o papel do artista.

Em toda parte há beleza na natureza. É que o criador deseja que sua criatura se torne bastante receptiva a tudo quanto Ele fez, a tudo quanto deixou a nossa volta. É a arte divina.

E porque nós fomos feitos à imagem e semelhança de Deus nos atributos morais e nos atributos espirituais, o Criador deseja que cada um de nós saiba expressar aquilo que lhe é peculiar, essa capacidade de sensibilizar, de embelezar. E surge no mundo a arte. E surge junto à arte o artista. Aquele que sabe interpretá-la, aquele que sabe vivenciá-la, aquele que consegue, usando-a, sensibilizar as pessoas.

Então a missão do artista na terra é ser um auxiliar de Deus, um ajudante da divindade, trabalhando os corações, os sentimentos, os raciocínios, as percepções mais líricas da alma para que nós nos sensibilizemos.

(...) a arte tem um destino: sensibilizar as criaturas para a Obra de Deus. Cabe ao artista, então, pensar no que ele pode fazer, no que ele pode dar de si, como ele pode mobilizar seu mundo íntimo para converter-se de fato num auxiliar da divindade, num trabalhador do Bem, na Terra, ganhando sua vida, mas fazendo que a vida ganhe muito mais.

Cabe ao verdadeiro artista, aquele que nem sempre ganha muito, nem sempre tem grandes lucros, mas que é fiel a este princípio ético e estético, não desanimar.

Você que é artista, você que sabe sentir as coisas do mais alto, você que tem essa estesia das estrelas dentro de si, esse murmúrio do mar dentro de si, você que carrega em cada pincelada, as cores das flores, as cores da natureza, nunca desanime, persista colaborando com Deus, porque haverá o dia que cada um dará conta do tempo e do que fez dele elevando as criaturas, levando-as a altos cimos ou deprimindo-as denegrindo a sua atenção, desatendendo as leis do progresso.²⁵

25 TEIXEIRA, Raul. *Programa Vida e Valores*. "A Missão do Artista". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9U6QvhBloYQ>. Visualizado em 14 de março de 2015.

Válido observar que, ao abordar o tema da arte, da missão do artista no planeta, da destinação da arte que é sensibilizar os indivíduos para a divindade e de orientar e convidar à reflexão sobre o futuro do artista e a relação moral com o que faz, Raul Teixeira não está se referindo restritamente ao artista espírita mas a todo artista, a quem ele chama de “verdadeiro artista”.

Na atualidade, em uma relação social marcada pela desigualdade, ausência de paz, medo e busca incessante pela vitória das aquisições materiais, o artista encontra-se mergulhado em dilemas constantes entre sua necessidade de afirmar-se profissionalmente, a busca de sobrevivência mercadológica e suas crenças religiosas e éticas.

Como missionário divino, um trabalhador atarefado com a necessidade de conduzir ao sensível e ao belo, o artista, em suas escolhas, pode caminhar por diversas trilhas no meio da selva social, sendo responsável único, como somos de nós mesmos, pelas realizações que deixar pelo caminho, sejam flores semeadas mesmo tímidas ou lixo e degradação que ofereceu à natureza

Os artistas, como os chamados sábios do mundo, podem enveredar, igualmente, pelas cristalizações do convencionalismo terrestre, quando nos seus corações não palpita a chama dos ideais divinos, mas, na maioria das vezes, têm sido grandes missionários das ideias, sob a égide do Senhor, em todos os departamentos da atividade que lhes é própria, como a literatura, a música, a pintura, a plástica.

Sempre que a sua arte se desvencilha dos interesses do mundo, transitórios e perecíveis, para considerar tão-somente a luz espiritual que vem do coração uníssono com o cérebro, nas realizações da vida, então o artista é um dos mais devotados missionários de

Deus, porquanto saberá penetrar os corações na paz da meditação e do silêncio, alcançando o mais alto sentido da evolução de si mesmo e de seus irmãos em humanidade. (Emmanuel) ²⁶

O Século passado foi marcado pela tecnologia e vivemos hoje no século XXI o tempo da espiritualidade e das artes e essa realidade se materializa também no ambiente doutrinário espírita. Multiplicam-se os grupos e artistas, desejosos de realizar uma produção inspirada pela ética espírita, um movimento sem volta, que invade organizadamente as casas espíritas, exigindo que os órgãos federativos reflitam, planejem e se posicionem diante destes fatos, indicando caminhos e possibilidades para o fazer artístico espírita.

Os macro eventos de confraternização e de amadurecimento de experiências entre os artistas, realizados de maneira isolada e pontual, tornam-se aos poucos, permanentes e múltiplos de possibilidades, chegando a todas as regiões do país, rompendo barreiras de distâncias, formas e psicológicas, estas mais difíceis de serem ultrapassadas.

Todo esse movimento deve alertar o artista espírita para a necessidade básica e primeira de sua atividade. O objetivo geral do Espiritismo é alavancar o desenvolvimento moral do homem. A necessidade básica do artista espírita é sua transformação moral não desprezando a necessidade permanente de melhoria técnica do que faz.

26 EMMANUEL. O Consolador – questão 162 – Psicografia de Francisco Cândido Xavier



ARTISTA ESPÍRITA: TÉCNICA E EVANGELIZAÇÃO DE SI

O contínuo aperfeiçoamento técnico e a ação na reforma de seu mundo íntimo são pilares fundamentais do trabalho cotidiano do artista espírita.

Especialmente os iniciantes, os artistas espíritas somos impulsionados mais pelo entusiasmo que por nossa capacidade inicial em nos expressar artisticamente. Inúmeros grupos nascem com intenso desejo de *artear* mesmo que desconheçam os princípios básicos de sua linguagem artística.

Movidos pelas mais diversas intenções, motivados pelas oportunidades que a prática artística oferece à casa espírita, a relação *motivação/conhecimento técnico* mostra-se pendente mais para um lado que outro, pois, em muitas situações, desconhecer os mecanismos de uma expressão artística não são impeditivas de seu fazer no ambiente doutrinário.

Essa constatação, apesar de real, não deve ser considerada como natural e comum. Faz-se necessário a busca da produção artística qualificada e em contínuo processo de aperfeiçoamento para que o alcance e a desejada sensibilização do público possa ser efetivada com maior intensidade e verdade, saindo da condição de apenas valorização do esforço do artista para um real efeito sensível de contemplação artística.

Surge desta relação a sugestão do espírito André Luiz em se “Burilar incansavelmente as obras artísticas de qualquer gênero” registrada no livro *Conduta Espírita* (1993: 145)²⁷.

Importante destacar que o aperfeiçoamento técnico é um processo contínuo, ou seja, não se finaliza na realização de uma ou duas experiências estéticas, um ou outro curso ou oficina artística ou mesmo em uma formação de nível superior ou profissional. O artista espírita tem o dever de continuamente avaliar o que faz, sozinho e em grupo, oferecendo sua canção, cena teatral, coreografia, produção de vídeo, quadro ou qualquer outra produção artística inspirada pelo Espiritismo, à avaliação externa de seu círculo de amigos, para que possa perceber as possibilidades e necessidades de crescimento técnico criativo do seu fazer artístico.

Por vezes, o excessivo apego ao que produz, a crença equivocada de uma genialidade pessoal inexistente e a falta de entendimento de que um elogio ao esforço não significa um reconhecimento de qualidade, faz com que o trabalhador da arte contente-se em realizar obras simples e rasas, que possuem sua utilidade e necessidade, mas que, também por vezes, não devem ser levadas à grande público por tratar-se apenas de um exercício inicial na formação do artista.

O artista expressa, inevitavelmente, o que reside em seu íntimo, mesmo que inconsciente, e esse mecanismo reside na natureza da produção da obra de arte. Sua maneira de pensar e de sentir o mundo, os indivíduos e sua relação com a divindade, influenciam, interferem e podem mesmo ser a causa e a origem de sua expressão artística.

Ao artista espírita é oferecida a sublime possibilidade de, ao mesmo tempo em que produz arte, rever e alterar seu

27 VIEIRA, Waldo. Pelo espírito André Luiz. *Conduta Espírita*, cap. 44. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

mundo íntimo, amparado e embasado pelo conhecimento e a prática que o Espiritismo lhe oferece. Reforma íntima, acima de ser um tema a mais no índice de um livro é ação concreta e fundamental para o artista que deseja expressar-se como espírita. A ausência de tempo e trabalho no esforço do caminho do pensar, sentir e alterar comportamentos individuais, sob a inspiração da moral Cristã e espírita, é armadilha que o indivíduo constrói para si mesmo, que o levará a gerar produções artísticas que carecerão de verdade e vibração da alma.

Quanto puderes, posterga a prática do mal até o momento que possas vencer essa força doentia que te empurra para o abismo. (...)

É muito fácil desistir do esforço nobre, comprazer-se por um momento, tornar-se igual aos demais, nas suas manifestações inferiores. Todavia, os estímulos e gozos de hoje, no campo das paixões desgovernadas, caracterizam-se pelo sabor dos temperos que se convertem em ácido e fel, a requeimarem por dentro, passados os primeiros momentos. (...)

Assim, aprende a controlar as tuas más inclinações e adia o teu momento infeliz. Lograrás vencer a violência interior que te propele para o mal, se perseverares na luta. Sempre que surja oportunidade, faz o bem, por mais insignificante que te pareça.

Gera o momento de ser útil e aproveita-o.

Não aguardes pelas realizações retumbantes, nem te detenhas esperando as horas de glorificação.

Para quem está honestamente interessado na reforma íntima, cada instante lhe faculta conquistas que investe no futuro, lapidando-se e melhorando-se sem cansaço.

Toda ascensão exige esforço, adaptação e sacrifício.²⁸

28 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Joana de Ângelis. *Vigilância*. Salvador: LEAL, 1998.

A Reforma Íntima é um processo contínuo de voltar-se para nossa intimidade espiritual com o intuito de perceber e modificar hábitos e vícios que possuímos e que desejamos ser alterados na relação com o próximo na vida social quotidiana. É através dela que podemos real e objetivamente nos tornarmos melhores a cada dia.

Apenas a mudança de atitudes e ações no bem podem enriquecer a atividade do artista espírita com um elemento que não se adquire com o exercício técnico: a sintonia com a espiritualidade. O artista espírita que despreza ou ignora a relação espiritual que sua expressão produz no indivíduo na plateia e em si mesmo, apropria-se do termo *espírita* sem conhecer o real valor do que isso possa significar.

TRANSCRIÇÃO DE “O CONSOLADOR”²⁹

Capítulo II – Sentimento

ARTE

161 – *Que é arte?*

– A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse “mais além” que polariza as esperanças da alma. O artista verdadeiro é sempre o “médium” das belezas eternas e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas mais vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o Infinito e abrindo, em todos os caminhos a ânsia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, de sabedoria, de paz e de amor.

162 – *Todo artista pode ser também um missionário de Deus?*

– Os artistas, como os chamados sábios do mundo, podem enveredar, igualmente, pelas cristalizações do convencionalismo terrestre, quando nos seus corações não palpita a

²⁹ XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito Emmanuel. *O Consolador*. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 100-6

chama dos ideais divinos, mas, na maioria das vezes, têm sido grandes missionários das ideias, sob a égide do Senhor, em todos os departamentos da atividade que lhes é própria, como a literatura, a música, a pintura, a plástica.

Sempre que a sua arte se desvencilha dos interesses do mundo, transitórios e perecíveis, para considerar tão-somente a luz espiritual que vem do coração uníssono com o cérebro, nas realizações da vida, então o artista é um dos mais devotados missionários de Deus, porquanto saberá penetrar os corações na paz da meditação e do silêncio, alcançando o mais alto sentido da evolução de si mesmo e de seus irmãos em humanidade.

163 – *Pode alguém se fazer artista tão-só pela educação especializada em uma existência?*

– A perfeição técnica, individual de um artista, bem como as suas mais notáveis características, não constituem a resultante das atividades de uma vida, mas de experiências seculares na Terra e na esfera espiritual, porquanto o gênio, em qualquer sentido, nas manifestações artísticas mais diversas, é a síntese profunda de vidas numerosas, em que a perseverança e o esforço se casaram para as mais brilhantes florações da espontaneidade.

164 – *Como devemos compreender o gênio?*

– O gênio constitui a súpula dos mais longos esforços em múltiplas existências de abnegação e de trabalho, na conquista dos valores espirituais. Entendendo a vida pelo seu prisma real, muita vez desatende ao círculo estreito da vida terrestre, no que se refere às suas fórmulas convencionais e aos seus preconceitos, tornando-se um estranho ao seu próprio meio,

por suas qualidades superiores e inconfundíveis. Esse é o motivo por que a ciência terrestre, encarcerada nos cânones do convencionalismo, presume observar no gênio uma psicose condenável, tratando-o, quase sempre, como a célula enferma do organismo social, para glorificá-lo, muitas vezes, depois da morte, tão logo possa aprender a grandeza da sua visão espiritual na paisagem do futuro.

165 – *Como poderemos entender o psiquismo dos artistas, tão diferente do que caracteriza o homem comum?*

– O artista, de um modo geral, vive quase sempre mais na esfera espiritual que propriamente no plano terrestre. Seu psiquismo é sempre a resultante do seu mundo íntimo, cheio de recordações infinitas das existências passadas, ou das visões sublimes que conseguiu apreender nos círculos de vida espiritual, antes da sua reencarnação no mundo.

Seus sentimentos e percepções transcendem aos do homem comum, pela sua riqueza de experiências no pretérito, situação essa que, por vezes, dá motivos à falsa apreciação da ciência humana, que lhe classifica os transportes como neurose ou anormalidade, nos seus erros de interpretação. É que, em vista da sua posição psíquica especial, o artista nunca cede às exigências do convencionalismo do planeta, mantendo-se acima dos preconceitos contemporâneos, salientando-se que, muita vez, na demasia de inconsiderações pela disciplina, apesar de suas qualidades superiores, pode entregar-se aos excessos nocivos à liberdade, quando mal dirigida ou falsamente aproveitada. Eis por que, em todas as situações, o ideal divino da fé será sempre o antídoto dos venenos morais, desobstruindo o caminho da alma para as conquistas elevadas da perfeição.

166 – *No caso dos artistas que triunfaram sem qualquer amparo do mundo e se fizeram notáveis tão-só pelos valores da sua vocação, traduzem suas obras alguma recordação da vida no Infinito?*

– As grandes obras-primas da arte, na maioria das vezes, significam a concretização dessas lembranças profundas. Todavia, nem sempre constituem um traço das belezas entrevistas no Além pela mentalidade que as concebeu, e sim recordações de existências anteriores, entre as lutas e as lágrimas da Terra.

Certos pintores notáveis, que se fizeram admirados por obras levadas a efeito sem os modelos humanos, trouxeram à luz nada mais nada menos que as suas próprias recordações perdidas no tempo, na sombra apagada da paisagem de vidas que se foram. Relativamente aos escritores, aos amigos da ficção literária, nem sempre as suas concepções obedecem à fantasia, porquanto são filhas de lembranças inatas, com as quais recompõem o drama vivido pela sua própria individualidade nos séculos mortos.

O mundo impressivo dos artistas tem permanentes relações com o passado espiritual, de onde eles extraem o material necessário à construção espiritual de suas obras.

167 – *Os grandes músicos, quando compõem peças imortais, podem ser também influenciados por lembranças de uma existência anterior?*

– Essa atuação pode verificar-se no que se refere às possibilidades e às tendências, mas, no capítulo da composição, os grandes músicos da Terra, com méritos universais, não obedecem a lembranças do pretérito, e sim a gloriosos impulsos das forças do Infinito, porquanto a música na Terra é, por excelência, a arte divina.

As óperas imortais não nasceram do lodo terrestre, mas da profunda harmonia do Universo, cujos cânticos sublimes foram captados parcialmente pelos compositores do mundo, em momentos de santificada inspiração.

Apenas desse modo podereis compreender a sagrada influência que a música nobre opera nas almas, arrebatando-as, em quaisquer ocasiões, às ideias indecisas da Terra, para as vibrações do íntimo com o Infinito.

168 – *Os Espíritos desencarnados cuidam igualmente dos valores artísticos no plano invisível para os homens?*

– Temos de convir que todas as expressões de arte na Terra representam traços de espiritualidade, muitas vezes estranhos à vida do planeta.

Através dessa realidade, podereis reconhecer que a arte, em qualquer de suas formas puras, constitui objeto da atenção carinhosa dos invisíveis, com possibilidades outras que o artista do mundo está muito longe de imaginar.

No Além, é com o seu concurso que se reformam os sentimentos mais impiedosos, predispondo as entidades infelizes às experiências expiatórias e purificadoras. E é crescendo nos seus domínios de perfeição e de beleza que a alma envolve para Deus, enriquecendo-se nas suas sublimes maravilhas.

169 – *A emotividade deve ser disciplinada?*

– Qualquer expressão emotiva deve ser disciplinada pela fé, porquanto a sua expansão livre, na base das incompreensões do mundo, pode fazer-se acompanhar de graves consequências.

170 – *Com tantas qualidades superiores para o bem, pode o artista de gênio transformar-se em instrumento do mal?*

– O homem genial é como a inteligência que houvesse atingido as mais perfeitas condições de técnica realizadora; essa aquisição, porém, não o exime da necessidade de progredir moralmente, iluminando a fonte do coração.

Em vista de numerosas organizações geniais não haverem alcançado a culminância de sentimento é que temos contemplado, muitas vezes, no mundo, os talentos mais nobres encarcerados em tremendas obsessões, ou anulados em desvios dolorosos, porquanto, acima de todas as conquistas propriamente materiais, a criatura deve colocar a fé, como o eterno ideal divino.

171 – *De modo geral, todos os homens terão de buscar os valores artísticos para a personalidade?*

– Sim; através de suas vidas numerosas a alma humana buscará a aquisição desses patrimônios, porquanto é justo que as criaturas terrenas possam levar da sua escola de provações e de burilamento, que é o planeta, todas as experiências e valores, suscetíveis de serem encontrados nas lutas da esfera material.

172 – *Existem, de fato, uma arte antiga e uma arte moderna?*

– A arte envolve com os homens e, representando a contemplação espiritual de quantos a exteriorizam, será sempre a manifestação da beleza eterna, condicionada ao tempo e ao meio de seus expositores.

A arte, pois, será sempre uma só, na sua riqueza de motivos, dentro da espiritualidade infinita.

Ponderemos, contudo, que, se existe hoje grande número de talentos com a preocupação excessiva de originalidade, dando curso às expressões mais extravagantes de primitivismo, esses são os cortejadores irrequietos da glória mundana que, mais distanciados da arte legítima, nada mais conseguem que refletir a perturbação dos tempos que passam, apoiando o domínio transitório da futilidade e da força. Eles, porém, passarão como passam todas as situações incertas de um cataclismo, como zangões da sagrada colmeia da beleza divina, que, em vez de espiritualizarem a Natureza, buscam deprimi-la com as suas concepções extravagantes e doentias.

TRANSCRIÇÃO DO “CONDUTA ESPÍRITA”³⁰

PERANTE A ARTE

Colaborar na cristianização da arte, sempre que se lhe apresentar ocasião.

A arte deve ser o Belo criando o Bom.

Repelir, sem crítica azeda, as expressões artísticas torturadas que exaltem a animalidade ou a extravagância.

O trabalho artístico que trai a Natureza nega a si próprio.

Burilar incansavelmente as obras artísticas de qualquer gênero.

Melhoria buscada, perfeição entrevista.

Preferir as composições artísticas de feitura espírita integral, preservando-se a pureza doutrinária.

A arte enobrecida estende o poder do amor.

Examinar com antecedência as apresentações artísticas para as reuniões festivas nos arraiais espíritas, dosando-as e localizando-as segundo as condições das assembleias a que se destinem.

³⁰ VIEIRA, Waldo. Pelo espírito André Luiz. *Conduta Espírita*, cap. 44. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, 145-6.

A apresentação artística é como o ensinamento: deve observar condições e lugar.

“E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.” – Paulo.

(Filipenses,4:7)

ESTUDO 4

APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Cada espírito vê e sente a Arte com as suas características e expressões evolutivas, porquanto, à medida que o ser progride, amplia a capacidade de perceber a beleza e senti-la nas suas várias expressões.

Essa forma de identificação muito pessoal, que é resultado da experiência individual, expressa-se na aptidão por uma ou por outra manifestação da Arte, bem como na maneira de traduzir o sentimento no instante da sua captação.

Colocando a sua maneira de entendimento e emoção cria o estilo, que se poderia chamar o legítimo autógrafa colocado naquilo que faz.

Vianna de Carvalho³¹

31 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Vianna de Carvalho. *Atualidade do Pensamento Espírita*. 3ª Ed. Salvador: LEAL, 2002, p. 121.

PERISPÍRITO E ARTE

Em 6 de janeiro de 1868, Allan Kardec publica o livro *A Gênese*, onde tem a oportunidade de apresentar reflexões científicas e filosóficas, adequadas ao seu tempo, sobre a criação do universo, o surgimento do espírito e o mecanismo natural dos milagres realizados por Jesus.

A Gênese, publicada 10 anos após o livro síntese do Espiritismo, amadurecida pelos debates e reflexões provocadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, apresenta, entre muitos temas, algumas observações do Codificador sobre o perispírito.

O termo “perispírito” foi criado por Allan Kardec quando da publicação de *O Livro dos Espíritos* e tem como significado mais comum “o envoltório do espírito”.

Todos temos perispírito, estejamos encarnados ou desencarnados, no mundo físico ou espiritual. Ele é formado por matéria fluídica e constitui-se o elo entre o espírito e a matéria. É utilizando-se das propriedades do perispírito que a consciência imortal, no dizer de André Luiz, comunica-se e interage com outros espíritos e com os encarnados.

(...) É o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual. É por seu intercâmbio que o Espírito encarnado se acha em relação contínua com os desencarnados; é, em suma, por seu intermédio, que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental

não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

(...)

O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. (...) O Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico". (KARDEC, 1991:288-9)³²

É válido observar o trecho de *A Gênese* com olhar de artista e refletir que se a arte atua no campo do sentimento, provocando no espectador o senso de contemplação ao viver sua experiência estética de fruir uma obra de arte e o perispírito é o órgão sensitivo do espírito, então a obra de arte é capaz de interagir na vibração do corpo espiritual, esteja o indivíduo encarnado ou não.

No dizer do saudoso estudioso José Jorge³³, em sua *Antologia do Perispírito*, em consonância com Kardec e André Luiz, o perispírito é a fonte da força plástica de construção da vida, que dá forma ao espírito, permite que ele seja visível e tangível em situações específicas, que origina a força inicial de criação do corpo físico, sendo também

A sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.³⁴ (1983: 160)

32 KARDEC, Allan. *A gênese* (La genèse). Trad. de Giillon Ribeiro. 34ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

33 José Jorge (1931-2006) foi poeta, escritor, tradutor, professor universitário e conferencista espírita brasileiro.

34 JORGE, José. *Antologia do Perispírito*. [s.l]: Instituto Maria, 1983, p. 160.

O corpo espiritual é formado de matéria, quintessenciada, fluidicamente capaz de se expandir, irradiar, tornar-se visível, comprimir. Fluido que age por desejo do espírito, princípio inteligente, que lhe domina os efeitos e o manipula, de acordo com sua capacidade e evolução espiritual.

É no perispírito que se registram as memórias de todas as encarnações, as formas corporais, os sentimentos diversos de um espírito eterno e é através dele que se “percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos”, no dizer de Kardec. Coisas espirituais como as criações artísticas, que são percebidas pelo indivíduo através do seu perispírito, pois “O Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico”.

No processo de manipulação e irradiação do fluido perispiritual um componente é essencial e constitui-se a força motriz do espírito na manipulação dos fluidos: o pensamento. O mundo dos desencarnados está submetido à lei de atração. Pela adição de pensamento e sentimento atraímos energias fluídicas que envolvem e influenciam nosso corpo espiritual com reflexos diretos no corpo físico quando encarnados.

() podemos perceber os fluidos através de nosso próprio referencial; nosso ambiente mental definirá a camada fluídica que nos rodeia e que de nós emana, em favor ou contra o próximo. Como o fluido se comporta segundo a lei de afinidade, fácil percebermos tanto o ambiente fluídico que nos envolve como nos é favorecida sua assimilação, segundo idênticos critérios. (MELO, 1992: 66)³⁵

35 MELO, Jacob. *O passe – seu estudo, suas técnicas, sua prática*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

Se o ato de pensar mobiliza o fluído espiritual, plasmando as imagens geradas pela mente em uma ação criadora, então, associando o sentimento, poderemos gerar imagens e energias espirituais mediante nossas realizações e criações artísticas, seja no processo de ensaio, produção, composição, criação solitária ou qualquer outra ação de geração da obra de arte, como também no apresentar, interpretar, cantar, dançar, expor e qualquer outra forma de se comunicar com o público.

Em nossa criação artística impregnaremos nossas próprias energias perispirituais que serão capazes de entrar em contato e dialogar com as energias, fluidos e sentimentos de quem tiver a oportunidade de contemplar nossa criação.

O conhecimento desta realidade, dos mecanismos espirituais de manipulação dos fluidos, do diálogo possível com o espectador pela criação artística, constituem-se pontos de diferenciação e caracterização do que possa ser indicado com o título de arte espírita.

À ampliação desta percepção, que tem sua origem em Kardec ao indicar que a arte espírita seria gerada pela criação artística inspirada pelo conteúdo espírita, podemos adicionar que ela também solicita do artista a compreensão espiritual do que seja o ato de criar uma obra de arte e apresentá-la ao mundo.



IRRADIANDO ARTE

A Grécia tem sua importância e influência na história e na realização artística que fazemos na atualidade, tendo sido, também na Grécia, especificamente na região da Magnésia, encontrado em abundância um dos mais importantes minerais: a magnetita.

A magnetita, ou as “pedras mágicas” como eram chamadas na antiguidade, é a pedra-ímã mais magnética entre todos os minerais do planeta, possuindo forma cristalina, quebradiça, de cor preta e brilho metálico.

Isso nos faz lembrar que nosso planeta é um grande magneto, girando em seu próprio eixo, por onde ondas eletromagnéticas circulam permanentemente entre seus polos norte e sul. Abordando de forma mais abrangente pode-se afirmar que toda a vida na Terra produz algum tipo de agitação e que toda agitação, por consequência, produz ondas. Curtas, longas, de frequências variáveis e características múltiplas, estamos permanentemente mergulhados em um mar de ondas de variadas amplitudes.

Dentre as infinitas possibilidades de comprimento de onda, nosso ouvido capta apenas o curto limite de 20 a 20.000 hertz, escapando-nos a percepção das frequências fora dessa faixa, como por exemplo: os raios gama, os raios-X e as ondas infravermelhas.

Nós, indivíduos agentes no planeta, produzimos pelo pensamento ondas que se propagam em frequência que também nos foge à percepção. Curioso é constatar que, sob a ótica da existência de um universo extrafísico, nossos pensamentos se materializam, adquirindo formas e texturas próprias.

Sempre que pensamos, expressando o campo íntimo na ideação e na palavra, na atitude e no exemplo, criamos formas pensamentos ou imagens-moldes que arrojamos para fora de nós, pela atmosfera psíquica que nos caracteriza a presença. (XAVIER, 2002: 86)³⁶

Podemos então afirmar que, uma apresentação artística, que é construída inicialmente pelos pensamentos e ondas mentais de seus participantes, cria ao redor de si certa intensidade de vibração magnética capaz de irradiar suas características até os espectadores.

Vale lembrar outro aspecto, o de que ondas oriundas de fontes diferentes, mas dotadas da mesma frequência, tendem a entrar em ressonância quando se encontram, o que resulta numa potencialização do efeito delas. É como se a energia que elas transportam se fortalecesse pelo encontro em mesma frequência.

Inevitavelmente, o processo de ensaio e apresentação de um evento artístico provocará a ressonância com indivíduos espirituais que se afinizam com o mesmo padrão de ondas, seja de elevada ou baixa vibração, que podem, os indivíduos, ter ou não consciência mental da situação em que se encontram, bem como sofrerá o espetáculo a interferência das formas pensamentos preexistentes no palco e no ambiente da plateia.

36 XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito André Luiz. *Mecanismos da Mediunidade*. 21ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

A plateia também é um grande campo magnético, tão diverso e múltiplo quantos sejam os interesses em que cada indivíduo está mergulhado.

Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição. (KARDEC, 1991: 286)³⁷

Vale recordar que a indução magnética, estudada pelo físico britânico James Clerk Maxwell, consiste no processo onde um corpo eletrificado pode transferir características suas para outro, havendo ou não contato físico entre eles.

André Luiz, ao propor um estudo do fenômeno da mediunidade, oferece-nos o conceito de indução mental, que se daria de maneira análoga materializando-se quando indivíduos transmitem e recebem impressões entre si, como se fossem dois corpos de diferentes temperaturas que transferem calor do mais aquecido para o mais frio, podendo estar em contato físico ou próximos o bastante para que a troca se estabeleça.

() no reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. (A. LUIZ, 1973)³⁸

37 KARDEC, Allan. *A gênese* (La genèse). Trad. de Giillon Ribeiro. 34ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

38 LUIZ, André. *Mecanismos da Mediunidade*. 10a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1973, pág. 41

A apresentação artística pode tornar-se então um grande corpo vibrante de energias, ondas e formas pensamentos, produzindo uma determinada indução magnética naqueles que compõem sua plateia.

Os espectadores, de características diversas e plurais, que, ao entrarem no ambiente teatral, começaram a ter seus cumprimentos de onda mental alterados pela musicalidade do ambiente, por estímulos visuais disponíveis ainda no *foyer* e pelo estado de “espírito de adesão” ao espetáculo, tornam-se um corpo capaz de ser induzido, ter suas emissões de pensamentos alterados e padrões mentais desconstruídos pela observação e, principalmente, pela vivência do fenômeno teatral.

Uma conversação, essa ou aquela leitura, a **contemplação de um quadro**, a ideia voltada para certo assunto, **um espetáculo artístico**, uma visita efetuada ou recebida, um conselho ou uma opinião representam agentes de indução, que variam segundo a natureza que lhes é característica, com resultados tanto mais amplos quanto maior se nos faça a fixação mental ao redor deles. (XAVIER, 2002: 94-5) [Grifos nossos]

O espetáculo artístico, mais do que objeto de entretenimento e reflexão social, é instrumento capaz de irradiar energias que, ao entrarem em contato com o campo de vibração de cada indivíduo, produzirá sensações de bem estar, ansiedade, calma, tranquilidade, indignação, etc.

Essas sensações independem de uma abordagem racional, pois o circuito magnético-espiritual que se estabelece entre espetáculo e plateia passeia pelo campo das vibrações, diretamente ligadas ao universo dos sentimentos.

Refletimos e arremessamos aos outros as imagens que habitam em nosso entorno espiritual, criadas por nossos pensamentos. Sendo assim, o artista que deseja retratar a beleza, a claridade e a espiritualidade deve exercitar-se em instalar a beleza, a claridade e a espiritualidade em sua própria vida íntima.

IRRADIAÇÃO AO BEM

O artista espírita deve trabalhar com ardente desejo de que sua prática lhe ofereça a oportunidade de sintonia com a espiritualidade, ou seja, que lhe permita emitir e receber oscilações mentais em mesma frequência, reciprocidade ou mútuo acordo entre duas origens de sinal, entre ondas emitidas de fontes distintas, sua mente e de desencarnados de elevada vibração.

No mundo físico ou no universo espiritual, as ondas se propagam e irradiam com características semelhantes, afinal, ambas possuem no Fluido Cósmico Universal³⁹ sua mesma origem.

Caracterizam-se, resumidamente, por frequências e comprimentos de ondas, sejam elas emitidas por uma frase que

39 O termo fluido cósmico universal ou fluido universal foi primeiramente usado, em Espiritismo, na resposta à pergunta de número 27 de *O Livro dos Espíritos*, onde se lê: *Haveria, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?* "Sim, e acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Esses três elementos constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, muito grosseira para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela. Embora, sob certo ponto de vista, se possa classificar o fluido universal como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se fosse realmente matéria, não haveria razão para que o espírito também não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria e suscetível, pelas suas inúmeras combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que não conheceis senão uma ínfima parte. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e jamais adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá." (KARDEC, 2010: 88-9) Tal matéria (ou energia) é extremamente quintessenciada, encontrando-se em todos os pontos do Universo, possibilitando, assim, a origem de matérias diversas, inclusive mais densas.

lançamos, um instrumento que tocamos ou um pensamento que irradiamos. O pensamento, no dizer de André Luiz é o alicerce de todas as realizações nos planos físico e extrafísico estabelecendo no espírito uma contínua corrente de poder criador e irradiador.

A irradiação da corrente contínua dos pensamentos habituais de um indivíduo produzirá o que André Luiz nomeou como *halo vital* e outras correntes filosóficas e científicas classificaram como *aura*. Cada pessoa estabelece para si mesmo uma onda mental própria, resultado dos movimentos e estados de agitação atômicos dos fluidos do perispírito, atribuindo à aura uma frequência e cor específicas, resultados da frequência e comprimento de suas ondas mentais.

A criatura humana habituada a criações mentais comuns produzirá ondas mentais de comprimento longo que lhe servirão à sustentação da vida individual. Já em estados menos comuns da mente, de atenção em virtude da reflexão e oração, descreve André Luiz, o indivíduo produzirá ondas de características diversas.

() o campo dos pensamentos exprimir-se-á em ondas de comprimento médio ou de aquisição de experiência, por parte da alma, correspondendo à produção de luz interior. E se a excitação nasce dos diminutos núcleos atômicos, em situações extraordinárias da mente, quais sejam as emoções profundas, as dores indizíveis, as laboriosas e aturadas concentrações de força mental ou as súplicas aflitivas, o domínio dos pensamentos emitirá raios muito curtos ou de imenso poder transformador do campo espiritual, teoricamente semelhantes aos que se aproximam dos raios gama. (A. LUIZ, 1973) ⁴⁰

40 LUIZ, André. *Mecanismos da Mediunidade*. 10a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1973, pág. 41.

É válido observar que, segundo André Luiz, a iluminação interior e a transformação espiritual do indivíduo se dará com a alteração da emissão das ondas mentais de um estado comum para a emissão de ondas de comprimento cada vez mais curtos através do exercício da prece, emoções, súplicas e concentrações de força mental, em situações “extraordinárias” da mente, tirando o indivíduo da vida cotidiana e vulgar para o trabalho ativo de mudar a si mesmo.

Para o artista, reside nestas afirmações a possibilidade de compreensão de que o processo de preparação e apresentação de uma obra artística produz em si a alteração de sua corrente mental e que o exercício contínuo dessa ação produzirá nele mudanças na irradiação de seu halo vital e aquisição de sintonia cada vez maior com esferas mais elevadas do pensamento eterno.

A apresentação artística pode ainda, semelhante ao processo elétrico realizado pelos geradores, ser instrumento de indução magnética espiritual, interferindo, alterando e qualificando a irradiação mental dos indivíduos que compõem a plateia.

A indução é um processo através do qual um corpo eletromagnético transmite a outro certo magnetismo sem que entre eles haja contato físico visível. A indução mental se materializa de maneira idêntica, pois a corrente mental de um indivíduo pode transmitir as suas próprias características a outro indivíduo bastando que o processo seja estabelecido por uma sintonia inicial.

Emitindo uma ideia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, ideia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente

em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir.⁴¹

Um grupo artístico que se apresenta, no palco ou no piso da casa espírita, não expõe apenas uma canção criada e construída com o intuito de divulgar determinado conteúdo doutrinário ou breve cena de teatro ou dança para contribuir na realização de uma atividade de confraternização. A apresentação é resultado de todas as irradiações mentais dos artistas envolvidos, estejam eles no palco ou nas coxias, podendo ainda contar com o fortalecimento dessa irradiação por parte da espiritualidade, de acordo com a necessidade, merecimento e esforço de seus integrantes.

A apresentação artística tem a possibilidade de ser instrumento irradiador e indutor do espectador, cabendo aos artistas espíritas o dever de que sua produção seja um manancial de possibilidade de irradiação ao Bem.

Esta possibilidade não se materializa ao acaso e em gestos mágicos e apressados realizados nos instantes que antecedem uma apresentação, mas é resultado do esforço contínuo realizado durante o processo de ensaio, criação, preparação e materialização da obra de arte, onde devem ser exercitados a busca de sintonia através da prece e da vigilância mental, o trabalho disciplinado e continuado, o compromisso com a reforma íntima, com o estudo doutrinário e artístico e o permanente combate à vaidade e ao orgulho exacerbado.

41 LUIZ, André. *Mecanismos da Mediunidade*. 10a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1973, pág. 42.

A MEDIUNIDADE DO ARTISTA

A história do Espiritismo no Brasil passa pela fundação do Grupo Familiar do Espiritismo por Teles de Menezes, no ano de 1865 no estado da Bahia e pela publicação da tradução do livro *O Espiritismo reduzido a sua mais simples expressão*, de Allan Kardec, na cidade de São Paulo no ano de 1866, dando início ao período de propagação das ideias espíritas onde abnegados companheiros colocaram-se dispostos a ter sua credibilidade pública contestada ao defender os princípios do Espiritismo.

A prática artística de caráter espírita com suas primeiras criações, ainda ao tempo de Allan Kardec em Paris, inicia-se no Brasil na década de 20 do século passado com Umberto Brussolo (1877-1938)⁴² e Dona Maria Máximo (1884-1949)⁴³, tendo em Leopoldo Machado (1891-1957)⁴⁴ o nome mais

42 **Umberto Brussolo** – Pioneiro e protagonista da primeira exibição teatral genuinamente espírita no Brasil. Fundou em 1917 o Centro Espírita Luz e Caridade. Em 1919 produziu sua primeira peça: *O Ressurgir de uma Alma*.

43 **Maria Máximo** – Atriz portuguesa participante do grupo teatral Trio Max que excursionavam por toda a Europa. Ao visitar o Brasil passa pela eclosão de sua mediunidade estabelecendo-se então na cidade de Santos, onde em 1º de janeiro de 1937 funda o Centro Espírita Ismênia de Jesus. Ao conhecer o Espiritismo passou a direcionar sua arte para a divulgação doutrinária, através do Grupo Dramático Espiritualista Allan Kardec.

44 **Leopoldo Machado** – Jornalista, professor, escritor, poeta, pregador, polemista e dramaturgo. Leopoldo Machado defendeu a doutrina espírita por todos os meios e formas. Líder baiano, foi um dos grandes incentivadores das mocidades espíritas no Brasil, sendo uma das figuras mais importantes do Espiritismo brasileiro.

popular entre aqueles que vieram a utilizar das possibilidades artísticas, em especial do teatro e da música, para divulgar e criar unidade em torno dos conteúdos doutrinários espíritas.

Na atualidade, a arte cumpre diferenciado papel na sociedade e em nosso movimento espírita. Associada ao ato de educar, as instituições pedagógicas ampliam a percepção do uso da arte na construção do saber e de ser, o indivíduo, agente na sociedade. Outras, onde os princípios espíritas são estudados, compreendidos e praticados, abrem suas portas para o uso da arte em processo terapêutico e como instrumento de transformação do indivíduo em Homem de Bem.

Ser instrumento de crescimento espiritual do ser torna-se então uma nova possibilidade que terá como consequência natural e inevitável a divulgação do Espiritismo para a sociedade. O artista espírita deve então, antes de materializar suas preocupações com o que será levado ao público e com a “mensagem” que será dita e divulgada, criar mecanismos e oportunidades para que, o discurso de sua obra, seja primeiramente refletido e materializado em si mesmo. O artista deve tornar-se seu primeiro espectador.

Com importâncias relativamente iguais, o que será dito, passado, comunicado, informado, oferecido ao público deve ser primeiramente experimentado, exercitado, materializado, vivenciado pelo artista. O foco do fazer artístico espírita na atualidade não deve ser mais isoladamente o conteúdo a ser passado, mas, a este importante princípio, soma-se a capacidade da obra de arte em colaborar na transformação dos espíritos envolvidos com ela: o artista, o público e a espiritualidade.

Não existe transformação exclusivamente provocada pela razão. A palavra é capaz de convencer, mas apenas uma vivência emocional marcante e intensa, aliada ao esforço e desejo, é capaz de provocar mudança de atitude. O desejo do artista deve ser o de desejar e agir para a mudança.

A obra de arte espírita que restringe o foco de sua realização para o conteúdo da ideia, abandonando e desprezando a beleza, a vibração, o emocional, as riquezas e potencialidades do indivíduo espectador, torna-se um panfleto de divulgação religiosa, que tem sua funcionalidade e utilidade didática, mas de tímida possibilidade de transformação moral do indivíduo.

O artista espírita que abandona o pensar e praticar o Espiritismo, em especial o conteúdo que é objeto da materialização de seus sentimentos em forma de arte, caminha para uma estrada da ausência de força espiritual em seu dizer estético.

O artista quando sobe ao palco fala de seus sentimentos. Seja essa fala um texto, uma canção, movimento, textura, registro fotográfico, áudio, gravação em vídeo, silêncio, cor ou qualquer outra forma de se expressar sensivelmente. Todo o manancial do sentimento do artista está ali presente, queira ou não, já que o produto artístico é materialização de seu sentimento, “pois a boca fala do que está cheio o coração” (JESUS. Mateus 12:34).

A força da palavra do artista está diretamente ligada às construções dos seus sentimentos.

É na força espiritual de sua corrente mental, através de seu pensamento voltado ao equilíbrio e à espiritualidade que o artista não só caminha para a produção de luz espiritual, através da alteração da vibração de seu corpo espiritual, como também se coloca como possibilidade de instrumento à serviço de elevadas vibrações oriundas de espiritualidade elevada.

Quando sobe ao palco o artista é médium dos espíritos que comungam de seus pensamentos, tornando-se canal intermediário das vibrações fluídicas da espiritualidade que, irradiado através dele, podem ser ampliadas e oferecidas ao espectador.

Esse mecanismo natural, comum ao médium passista nas práticas dos centros espíritas, vem, aos poucos, fazendo parte das reflexões dos artistas espíritas, pois apesar de ignorar essa possibilidade na prática da arte, mesmo ela sendo comum aos espíritas, ampliam-se os relatos da presença, proteção e mobilização das energias espirituais durante os ensaios, na preparação e nas ações de apresentações artísticas ao público.

Fator fundamental na ligação entre artista e espiritualidade é o *espírito de adesão* indicado por André Luiz, que no ambiente artístico se constitui no conhecimento, estudo e exercício intuitivo destas possibilidades, do permanente exercício da prece e meditação no grupo artístico, no desejo de auxiliar, no comprometimento com o trabalho da casa espírita e na indispensável ação em auxílio ao próximo na caridade material.

Idealizemos o fluxo de energias mento-eletromagnéticas, (...) como dois campos distintos, associando valores positivos e negativos, respectivamente, com uma diferença de potencial (...).

Estabelecido um fio condutor de um para o outro que, em nosso problema, representa o pensamento de aceitação ou adesão do médium, a corrente mental desse ou daquele teor se improvisa em regime de ação e reação, atingindo-se o necessário equilíbrio entre ambos, anulando-se, desde então, a diferença existente, pela integração das forças conjuntas em clima de afinidade.

Se quisermos sustentar o continuísmo de semelhante conjugação, é imprescindível conservar entre os dois um gerador de força, que, na questão em análise, é o **pensamento constante de aceitação ou adesão** da personalidade mediúnica, através do qual se evidencie, incessante, o fluxo de energias conjugadas entre

um e outro, porquanto a corrente de forças mentais, destinada à produção desse ou daquele fenômeno ou serviço, circulará no condutor mediúnic em razão do campo de energias mentoeletromagnéticas existente entre a entidade comunicante e a individualidade do médium. (XAVIER, 2002: 50-1) [Grifos nossos]

Faz-se necessário que o artista espírita reflita, compreenda e exercite que seu trabalho de criação é compartilhado com a espiritualidade, sendo ela em alguns casos copartícipe de sua produção e que no processo de preparação e apresentação ao público, de maneira natural e sem necessidade de maiores “manifestações mediúnicas”, a presença espiritual junto ao artista, auxilia e interage com sua atividade, oferecendo ao próprio artista a possibilidade de travar contato com ondas mentais de elevada frequência que o auxiliam em seu equilíbrio e saúde espiritual.

Somos todos, assim, médiuns, a cada passo refletores das forças que assimilamos, por força de nossa vontade, na focalização da energia mental. ⁴⁵

45 LUIZ, André. *Mecanismos da Mediunidade*. pg. 105.



UM PASSE DE ARTE

Às margens do Mar Egeu, a 60 quilômetros de Corinto, na Grécia, situa-se a cidade de Epidauro, mais conhecida na atualidade por ser local do *Teatro de Epidauro*, construído em 360 a.C., com capacidade para 14 mil espectadores sentados em bancos de pedras, distribuídos em 55 filas com acústica perfeita para a época.

Epidauro, importante centro comercial e religioso da Grécia antiga, atraía pessoas de todas as regiões em função de seu santuário consagrado ao deus da medicina, Esculápio, onde se tratava das pessoas através da interpretação dos sonhos e com uso de “cobras medicinais”. Com o dinheiro arrecadado dos pacientes foi construído, pelo arquiteto Policleto, ao lado do santuário, o Teatro de Epidauro. Policleto desenhou um teatro em formato de tigela voltado para o oeste, para que o sol nascente permitisse a iluminação do palco.

A associação entre teatro, religiosidade e saúde física era comum para os gregos, que acreditavam ser o teatro um remédio natural. Segundo Aristóteles, pessoas angustiadas e psicologicamente perturbadas poderiam melhorar e se sentir mais felizes após assistirem certos tipos de apresentações, que contavam com música, dança, teatro e rituais religiosos.

Na atualidade, as mesmas pessoas angustiadas e psicologicamente perturbadas continuam a acorrer ao teatro, sendo mais comum o interesse pelo entretenimento da forma

teatral, aspecto valorizado pelo Império Romano ao invadir e dominar a Grécia.

Independente de crenças, expectativas, interesses e formas, o espetáculo artístico tem embutido em si mesmo a capacidade de interferir no indivíduo espectador produzindo alteração de humor e, em alguns casos, melhoria da saúde física e mental.

Ao artista espírita, pela natureza dos princípios científicos e religiosos que estuda e pratica, é dada a oportunidade de criar sua arte tendo consciência e domínio de que seu espectador é um espírito encarnado e as peculiaridades que isso implica.

Todos os santuários, em seus atos públicos, estão repletos de almas necessitadas que a eles comparecem, sem o veículo denso, sequiosas de reconforto. Os expositores da boa palavra podem ser comparados a técnicos eletricitas, desligando “tomadas mentais”, através dos princípios libertadores que distribuem na esfera do pensamento. (A. LUIZ) ⁴⁶

Preciso se faz considerar que a plateia de um evento artístico é formada também pelas individualidades sem corpo físico, que ocorrem ao recinto pelos mais diversos interesses. Alguns acompanham os encarnados por estarem a eles ligados mentalmente em função de compromissos espirituais, como espíritos protetores ou desejosos de algum sentimento menos saudável guardado através do tempo. Outros se interessam pelos sons, vibrações, luzes ou outro fator que lhe chama a atenção desavisada. Alguns ali se colocam por participarem de atividade de reflexão e estudo, comum entre os desencar-

46 LUIZ, André. *Nos Domínios da Mediunidade*. Cap. 4.

nados, onde desejam constatar realizações criativas de nossa parte ou verificar justamente a interferência no plano espiritual da arte que se produz no plano físico.

O artista espírita deve exercitar seu olhar para a apresentação artística ampliando a percepção de que ela é um simples ato de entretenimento ou expressão emocional, mas como potencial sensibilizador e transformador daquele que compõe a plateia nos dois planos da vida.

André Luiz descreve no livro *Ação e Reação*⁴⁷, publicado em 1957, psicografado por Chico Xavier, entre os relatos sobre as consequências de nossos atos que atravessam vidas sucessivas, um breve momento em que ele, acompanhado de outros desencarnados, ouve uma peça musical escolhida por um indivíduo que acompanham o seu dia a dia. A música, tocada no mundo físico, interfere na vibração deles no mundo espiritual.

(...) registrávamos o império da música, em sua majestade soberana, arrebatando-nos às mais sublimes emoções.

Aqueles minutos valiam para nós como abençoada oração.

Os lances da magnífica sinfonia como que nos elevavam a círculos harmoniosos de ignota beleza e todos trazíamos lágrimas abundantes, de vez que os encantadores acordes em movimento possuíam a faculdade de lavar-nos, miraculosamente, os refolhos do ser.

Findas as notas derradeiras, despedimo-nos, maravilhados. Nossos pensamentos vibravam em sintonia mais pura, e os nossos corações pareciam mais fraternos. (XAVIER, 1989: 146)

47 XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito André Luiz. *Ação e reação*. 13ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

Esse exemplo demonstra a interferência instantânea que a execução de uma peça musical produziu na alteração da vibração dos espíritos e a sensação que eles perceberam ao final da canção. Efeito idêntico pode-se dar com os encarnados e mesmo com desencarnados de estágios evolutivos distintos, sendo esse efeito peculiar a cada individualidade.

O material que constitui os corpos espirituais dos encarnados e desencarnados é o mesmo, pois os perispíritos são formados pela matéria disponível na faixa de vibração do planeta em que estão inseridos, variando a frequência da vibração, em função das conquistas espirituais de cada individualidade.

O ambiente da apresentação artística é composto também do mesmo conteúdo, disponível para ser mobilizado pelas emissões das mentes que ali se inserem. O artista, consciente da capacidade que tem seu movimento, canção, texto, som, luz e de sua própria vibração mental, pode interferir no ambiente, manipulando essa matéria em forma de energia, para que ela possa ser também disponibilizada para o espectador e para ele mesmo.

Se o artista reúne seu desejo e exercício de que a produção da vibração de sua expressão auxilie a saúde mental e espiritual de quem a contempla com o auxílio sempre presente dos desencarnados de maior capacidade vibratória que ele mesmo, sua expressão artística torna-se dínamo vibrante capaz de auxiliar na amenização das dores secretas da alma.

Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. E, na palavra dos Espíritos que lhe responderam, já vimos que “Se magnetizas com o propósito de curar (...) e invocas um bom Espírito (...), ele aumenta a tua força e a tua

vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.⁴⁸ (KARDEC, 1990: 164)

O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes.

(...) Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica a dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto, mais direta quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito com eles se confunde.

Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contacto molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressentido uma impressão salutar; se forem maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades.

Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que o encarnado absorve pelos poros perispiríticos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais.⁴⁹ (KARDEC, 1991: 285-6)

O artista não é ser isento e imune ao que propõe com sua expressão. Apesar de cantarmos aos ventos que a liberdade é material básico de trabalho do artista, nenhum ser da criação está afastado da lei de causa e efeito, de ação e reação.

48 KARDEC, Allan. "Do Laboratório do Mundo Invisível". In: *O Livro dos Médiuns*. Cap. 8 – item 131.

49 KARDEC, Allan. "Dos Fluidos". *A Gênese*. Cap. 14 – item 18.

A imunidade legal na expressão de uma ideia através da arte, limitada pelo direito coletivo da sociedade, não se aplica às leis naturais da vida onde as correntes mentais fluem e refluem, levando e trazendo nossas vibrações, baseadas na lei de causa e efeito.

Para o artista espírita não basta desejar o Belo é preciso que ele o cultive em seu íntimo. Palavras de caridade e compaixão não bastam para sua essência, elas são apenas o início de sua caminhada. A caridade e a compaixão necessitam ser exercitadas em sua alma.

O apoio de espiritualidade de superior vibração mental ao trabalho modesto que realizamos como artista se dá com os fatos de sua obra e a franca busca de aprimoramento. A vida não espera nossa perfeição instantânea nem futura, trabalha com que oferecemos no momento, amplia nossa capacidade e potencial e espera de nós a busca sincera de ser melhor e o exercício constante de pequenas conquistas a cada passo, dia a dia, instante a instante.

O artista espírita tem a oportunidade de expressar suas emoções, inspirados pelos quadros sublimes da justiça divina e, ao fazê-lo, contribuir com o Criador na irradiação da paz.

Imaginar é criar.

E toda criação tem vida e movimento, ainda que ligeiros, impondo responsabilidade à consciência que a manifesta. E como a vida e o movimento se vinculam aos princípios de permuta, é indispensável analisar o que damos, a fim de ajuizar quanto àquilo que devemos receber.

(...) Nossos pensamentos geram nossos atos e nossos atos geram pensamentos nos outros.

Inspiremos simpatia e elevação, nobreza e bondade, junto de nós, para que não nos falte amanhã o precioso

pão da alegria. Convicção de imortalidade, sem altura de espírito que lhe corresponda, será projeção de luz no deserto. (XAVIER, 1988: 120)

O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco. (idem: 186)

A alma não se acha encerrada no corpo como o pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente (...). *O Livro dos Espíritos* – questão 141.

O Espírito não se acha encerrado no corpo como numa caixa; irradia por todos os lados. *O Livro dos Espíritos* – questão 420

Sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e deste ao corpo material.⁵⁰

A vontade de aliviar, de curar, comunica ao fluido magnético propriedades curativas. O remédio para nossos males está em nós. (DENIS, 2008: 134)⁵¹

50 KARDEC, Allan. “Cura de uma Fratura pela Magnetização Espiritual”. *Revista Espírita* – setembro de 1865 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 356.

51 DENIS, Léon. “A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo”. *No invisível* (Dans l’invisible). Rio de Janeiro: FEB, 2008.



KARDEC VAI AO TEATRO

Laboratório do mundo invisível, ação dos espíritos sobre a matéria, locais assombrados e papel dos médiuns nas comunicações, são exemplos de alguns temas que Allan Kardec analisou em *O Livro dos Médiuns*, publicado em janeiro de 1861, na França. Diante dos fenômenos mediúnicos que teriam como causa a intervenção dos espíritos sobre a matéria, o codificador oferece tal obra como ferramenta para se compreender essa nova ordem de fenômenos ainda não estudados no mundo científico da época.

No capítulo 14, Kardec faz um breve painel sobre as características dos médiuns, indicando algumas especificidades, como as dos médiuns videntes. Nos itens 169 e 170, descreve o professor francês que, na companhia de um médium vidente, teve a oportunidade de assistir a um espetáculo de teatro, especificamente a ópera *Oberon*, da autoria de Weber⁵², onde havia alguns lugares vazios na plateia, e que espíritos desencarnados ocupavam esses lugares vazios, parecendo ainda que alguns colocavam-se na posição de ouvirem os comentários que os membros da plateia faziam sobre a peça. Outros agiam de forma diferente posicionando-se entre os atores, parodiando grotescamente suas gesticulações.

52 Carl Maria Friedrich Ernest von Weber (1786-1826). Um dos primeiros compositores da Era Romântica.

Chamou a atenção de Kardec e do médium vidente que o auxiliava o fato de que alguns desencarnados colocavam-se em posição de auxílio aos artistas envolvidos no espetáculo “() outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços por lhes dar energia. Um deles se conservava sempre junto de uma das principais cantoras.”⁵³

Na busca de compreender melhor como se dava o processo de influência do mundo espiritual no físico, Kardec toma a iniciativa, durante o intervalo de um ato, de evocar, ali mesmo, no teatro, aquele espírito que se mantinha próximo à cantora principal, quando ele, o espírito, informa que tem a função de guia da atriz, encarregado de protegê-la e inspirá-la, e após alguns minutos de uma conversa séria, o espírito se despediu: “Adeus; ela está em seu camarim; é preciso que vá vigiá-la”.

Kardec, em sua busca de informações, realiza a evocação de Weber, autor da peça, que já se encontrava desencarnado, questionando o espírito sobre o que achava ele da execução de sua obra. Weber então responde que a montagem era sem inspiração, nada má, mas fraca, surpreendendo o professor francês ao, por iniciativa própria, dirigir-se ao palco e interferir no magnetismo dos artistas.

Espera, acrescentou, vou tentar dar-lhes um pouco do fogo sagrado. Foi visto, daí a nada, no palco, pairando acima dos atores. Partindo dele, um como eflúvio se derramava sobre os intérpretes. Houve, então, nestes, visível recrudescência de energia.

No relato, observamos a presença de desencarnados, tanto na plateia como no palco, cada um agindo e reagindo

53 KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns* (Le livre des médiums). Cap. XIV, it. 169. Trad. de Guillon Ribeiro. 57ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 204-5.

conforme sua intenção, sintonizando-se ou não com os artistas e com os espectadores. Um espírito amigo de uma das cantoras mostra-se atento, próximo a ela durante a apresentação, buscando claramente protegê-la do magnetismo e da influência dos espíritos zombeteiros e brincalhões do ambiente, como demonstra ainda preocupação com as ações e possibilidades de sua pupila nos bastidores da encenação.

Já o autor da ópera, evocado por Kardec, demonstra como a proximidade e o interesse de um espírito bem intencionado, auxiliando com a doação de seus próprios fluidos, pode produzir a vitalização energética de um artista ou de um espetáculo na irradiação magnética da apresentação artística que chega à plateia, formada tanto de vivos como de “mortos”.

Esse ocorrido, presenciado e registrado por Kardec, com artistas que, provavelmente, desconheciam por completo a possibilidade da existência dos espíritos e da influencia deles no mundo físico, nos traz reflexões e indagações que merecem nossos estudos.

Que tipo de produção artística pode produzir a sintonia com espíritos superiores, protegendo-a e vitalizando-a com um magnetismo saudável? Que ação prática dos artistas envolvidos atrairá espíritos brincalhões, sérios, superiores ou zombeteiros?

São perguntas sobre as quais os artistas espíritas precisamos refletir e encontrar respostas seguras.

TRANSCRIÇÃO DOS ITENS 169 E 170
DE “O LIVRO DOS MÉDIUNS”⁵⁴

169. Assistimos certa noite à representação da ópera *Obéron* ao lado de um excelente médium vidente. Havia no salão grande número de lugares vazios, mas muitos estavam ocupados por Espíritos que pareciam acompanhar o espetáculo. Alguns se aproximavam de certos espectadores e pareciam escutar as suas conversas. No palco se passava outra cena: por trás dos atores muitos Espíritos joviais se divertiam em contracená-los, imitando-lhes os gestos de maneira grotesca. Outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores, esforçando-se por lhes dar mais energia. Um desses mantinha-se junto a uma das principais cantoras. Julgamos as suas intenções um tanto levianas e o evocamos após o baixar da cortina. Atendeu-nos e reprovou com severidade o nosso julgamento temerário. “Não sou o que pensas, — disse, — sou o seu guia, o seu Espírito protetor, cabe-me dirigi-la”. Após alguns minutos de conversação bastante séria, deixou-nos dizendo: “Adeus. Ela está no seu camarim e preciso velar por ela”.

54 KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Cap. 14 – item 169 e 170.

Evocamos depois o Espírito de Weber, autor da ópera, e lhe perguntamos o que achava da representação. “Não foi muito má, — respondeu, — mas fraca. Os atores cantam, eis tudo. Faltou inspiração. Espera, — acrescentou, — vou tentar insuflar-lhes um pouco do fogo sagrado”! Vimo-lo então sobre o palco, pairando acima dos atores. Um eflúvio parecia se derramar dele para os intérpretes, espalhando-se sobre eles. Nesse momento verificou-se entre eles uma visível recrudescência da energia.

170. Eis outro fato que prova a influência dos espíritos sobre os homens, sem que estes o percebam. Assistimos a uma representação teatral com outro médium. Conversando com um Espírito espectador, disse-nos ele: Estás vendo aquelas duas senhoras sozinhas num camarote de primeira? Pois bem, vou me esforçar para tirá-las do salão. Dito isso, foi se colocar no camarote das senhoras e começou a falar-lhes. Súbito as duas, que estavam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam, parecendo consultar-se e a seguir se foram, não voltando mais. O Espírito nos fez então um gesto gaiato, significando que cumprira a palavra. Mas não o pudemos rever para pedir-lhe maiores explicações.

Muitas vezes fomos assim testemunhas do papel que os Espíritos exercem entre os vivos. Observamo-los em diversos lugares de reunião: em bailes, concertos, sermões, funerais, núpcias, etc., e em toda parte os encontramos atijando as más paixões, insuflando a discórdia, excitando as rixas e regozijando-se com suas proezas. Outros, pelo contrário, combatem essa influência perniciosa, mas só raramente são ouvidos.

ESTUDO 5

TEMAS DIVERSOS

A evolução do ser é abrangente, facultando-lhe experiências em várias áreas do conhecimento, do comportamento, da iluminação.

É comum, no entanto, ver-se o Espírito que se realizou em determinado campo de vivência, retornar na mesma atividade, de modo a ampliar o espaço das realizações, não somente plenificando-se, mas também favorecendo a Humanidade com a visão mais ampla e profunda em torno daquela conquista.

O artista, em particular, tende a voltar a reencarnar-se no círculo da beleza, mas, quase sempre em outro gênero de expressão, crescendo na forma de traduzir a grandeza e a majestade da Vida, que a sua sensibilidade capta com maior desenvoltura.

Assim, podemos identificar, por exemplo, Rafael Sanzio renascendo em Frederic Chopin, transformando cores em sons, mas permanecendo vinculado à harmonia.

Vianna de Carvalho⁵⁵

55 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Vianna de Carvalho. *Atualidade do Pensamento Espírita*. 3ª Ed. Salvador: LEAL, 2002, p. 125.



ARTE EM “NOSSO LAR”

No século passado, exatamente no ano de 1943, a Federação Espírita Brasileira publica o livro *Nosso Lar*⁵⁶, psicografado por Francisco Cândido Xavier cujo autor espiritual assina como André Luiz, vindo a ser o livro de maior número de exemplares vendidos entre as centenas produzidos pelo médium mineiro.

Segundo pesquisa realizada no ano de 1999 pela Candeia Organização Espírita de Difusão, *Nosso Lar* obteve o primeiro lugar entre os dez melhores livros espíritas publicados no século XX.

Nos capítulos iniciais, André Luiz, personagem condutor da trama e ao mesmo tempo autor da obra, descreve suas vivências e reflexões pelo período em que, após a morte do corpo, permaneceu nas regiões inferiores da vida espiritual.

É válido observar em certos trechos do livro que a narrativa de André especifica o contato com algumas manifestações artísticas na colônia espiritual de *Nosso Lar*. Um exemplo desta possibilidade é descrita pelo autor logo no início da narrativa, no capítulo 3, quando, após ser “resgatado” das regiões inferiores, é, semelhante a um ferido em batalha,

56 XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito André Luiz. *Nosso Lar*. 45ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

conduzido em maca improvisada a um edifício de linhas arquitetônicas parecidas com um hospital, onde, em amplo quarto mobiliado, lhe oferecem uma refeição reanimadora.

É neste ambiente que André descreve uma singular ocorrência onde, com o nosso olhar de artista e estudante do Espiritismo, podemos perceber a manifestação de algumas expressões artísticas que chegam às percepções espirituais do novo paciente de Nosso Lar.

Minha maior emoção, todavia, reservava-se para instantes depois.

Mal não saíra da consoladora surpresa, divina melodia penetrou quarto adentro, parecendo suave colmeia de sons a caminho das esferas superiores. Aquelas notas de maravilhosa harmonia atravessavam-me o coração. Ante meu olhar indagador, o enfermeiro, que permanecia ao lado, esclareceu, bondoso:

– É chegado o crepúsculo em “Nosso Lar”. Em todos os núcleos desta colônia de trabalho, consagrada ao Cristo, há ligação direta com as preces da Governadoria.

E enquanto a música embalsamava o ambiente, despediu-se, atencioso:

– Agora, fique em paz. Voltarei logo após a oração.⁵⁷

A cidade de Nosso Lar, onde agora o espírito enfermo André Luiz se “hospedava” era constituída à época da narrativa, por centenas de milhares de espíritos desencarnados, organizados em departamentos de trabalho, onde o auxílio ao próximo era ferramenta de seu próprio reerguimento espiritual. Todos os dias, durante o crepúsculo, seus habitantes

57 LUIZ, André. *Nosso Lar*. Capítulo 3. FEB.

reuniam-se em prece, capitaneados pelo Governador, espírito que gerenciava a administração do local. O mecanismo de reunião desses pensamentos dirigidos a Deus contava com um poderoso recurso: a música.

É facilmente observável pela descrição do autor, que a música exercia ao mesmo tempo diversas funções neste instante especial de prece. Por meio dela, os pensamentos dos integrantes da cidade eram potencializados, nos pacientes agia como medicação terapêutica reconfortante, para espíritos que já conquistaram grau de equilíbrio razoável e ocupavam funções de orientação aos demais tornava-se instrumento de louvor e irradiação espiritual e aos espíritos de elevada vibração espiritual ela materializava suas vibrações em forma de energia.

— Não poderei acompanhar-vos? — perguntei, suplicante.

— Está ainda fraco — esclareceu, gentil —, todavia, caso sinta-se disposto...

Aquela melodia renovava-me as energias profundas. Levantei-me vencendo dificuldades e agarrei-me ao braço fraternal que se me estendia. Seguindo vacilante, cheguei a enorme salão, onde numerosa assembleia meditava em silêncio, profundamente recolhida.⁵⁸

Surpreso, o autor constata que a numerosa assembleia esperava em silêncio como se algo fosse acontecer, ao mesmo tempo em que percebia a beleza do ambiente, onde guirlandas de florais pendentes do teto e uma gigantesca tela ao fundo apresentava uma sequência de projeções de luzes,

58 LUIZ, André. *Nosso Lar*. Capítulo 3. FEB

em um recurso que utilizava elementos do audiovisual. Em determinado momento, antecipando um recurso que só viria ser concretizado no mundo físico nos anos 90, André testemunha a realização de uma transmissão à distância, espécie de teleconferência onde não só as imagens e sons, como as vibrações espirituais podiam ser irradiadas de um único ponto para toda a colônia espiritual.

Obedecendo a processos adiantados de televisão, surgiu o cenário de templo maravilhoso. Sentado em lugar de destaque, um ancião coroado de luz fixava o Alto, em atitude de prece, envergando alva túnica de irradiações resplandecentes. Em plano inferior, setenta e duas figuras pareciam acompanhá-lo em respeitoso silêncio. (Idem: 29)

Personagem importante na narrativa, Clarêncio, descrito no texto como um velhinho simpático de sorriso paternal, ocupava a função de Ministro de Nosso Lar, que acompanhava em silêncio as preces do Governador. André, que assistia entre surpreso e emocionado, percebeu, através da transmissão à distância, que após a prece os setenta e dois ministros ali reunidos utilizaram uma canção para irradiar seus pensamentos às alturas, sendo uma outra canção ouvida como resposta dos espíritos superiores, que não eram percebidos “fisicamente” pelos presentes.

Mal terminara a explicação, as setenta e duas figuras começaram a cantar harmonioso hino, repleto de indefinível beleza. A fisionomia de Clarêncio, no círculo dos veneráveis companheiros, figurou-se-me tocada de mais intensa luz. O cântico celeste constituía-se de notas angelicais, de sublimado reconhecimento. Pairavam no recinto misteriosas vibrações de paz e de alegria e, quando as notas argentinas fizeram

delicioso staccato, desenhou-se ao longe, em plano elevado, um coração maravilhosamente azul, com estrias douradas. Cariciosa música, em seguida, respondia aos louvores, procedente talvez de esferas distantes. Foi aí que abundante chuva de flores azuis se derramou sobre nós; mas, se fixávamos os miosótis celestiais, não conseguíamos detê-los nas mãos. As corolas minúsculas desfaziam-se de leve, ao tocar-nos a fronte, experimentando eu, por minha vez, singular renovação de energias ao contacto das pétalas fluídicas que me balsamizavam o coração. (Idem: 29-30)

Sendo conduzido de retorno ao leito, André percebe-se inesperadamente reconfortado. O paciente grave de instantes anteriores sente-se transformado pela vibração da prece materializada em canção e, após longo tempo, a esperança habita novamente sua alma.

Neste pequeno trecho, o médico André Luiz vive uma intensa e inesquecível experiência de sua vida espiritual, onde a arte foi utilizada não só como ferramenta terapêutica, mas também de intercâmbio entre esferas de vibrações distintas, fortalecendo emanções no instante da prece e materializando os mais sublimes desejos do Bem da espiritualidade.

Após algum período de restabelecimento de certa saúde do corpo espiritual, André é recebido na residência de Lísias, enfermeiro que auxiliou em sua recuperação, onde permaneceu acolhido em ambiente familiar. Neste trecho da narrativa, o autor revela os detalhes de uma modesta residência da cidade espiritual. Pela primeira vez em sua numerosa obra mediúnica, André Luiz cita a existência de instrumentos musicais, da utilização de aparelhos radiofônicos que, além de informação, irradiam certa musicalidade no ambiente, livros para leitura com fotografias e entretenimento educativo e quadros cumprindo função decorativa na residência.

Entramos. Ambiente simples e acolhedor. Móveis quase idênticos aos terrestres; objetos em geral, demonstrando pequeninas variantes. Quadros de sublime significação espiritual, um piano de notáveis proporções, descansando sobre ele grande harpa talhada em linhas nobres e delicadas.

(...)

Em face do tiroteio de perguntas, Iolanda exibiu-me livros maravilhosos.

Notando-me o interesse, a dona da casa advertiu:

– Temos em “Nosso Lar”, no que concerne à literatura, uma enorme vantagem; é que os escritores de má-fé, os que estimam o veneno psicológico, são conduzidos imediatamente para as zonas obscuras do Umbral. Por aqui não se equilibram, nem mesmo no Ministério da Regeneração, enquanto perseveram em semelhante estado d’alma.

Não pude deixar de sorrir, continuando a observar os primores da arte fotográfica, nas páginas sob meus olhos.

(...)

Não voltara a mim da admiração que me empolgava, quando a senhora Laura convidou à oração. Sentamo-nos, silenciosos, em torno de grande mesa.

Ligado um grande aparelho, fez-se ouvir música suave. Era o louvor do momento crepuscular. (Idem: 97-9)

(...)

Ligado o receptor, suave melodia derramou-se no ambiente, embalando-nos em harmoniosa sonoridade, vendo-se no espelho da televisão a figura do locutor, no gabinete de trabalho. Daí a instantes, começou ele a falar:

– Emissora do Posto Dois, de “Moradia”. Continuamos a irradiar o apelo da colônia, em benefício da paz na

Terra. Concitamos os colaboradores de bom ânimo a congregar energias no serviço de preservação do equilíbrio moral nas esferas do globo.

(...)

Interrompeu-se a voz, ouvindo-se divina música, novamente. A inflexão do estranho convite abalara-me as fibras mais íntimas. Veio Lísias em meu socorro, explicando:

– Estamos ouvindo “Moradia”, velha colônia de serviços muito ligada às zonas inferiores.

(...)

Nesse ínterim, interrompia-se a música, voltando o locutor:

– Emissora do Posto Dois, de “Moradia”. Continuamos a irradiar o apelo da colônia em benefício da paz na Terra. Nevoeiros pesados amontoam-se ao longo dos céus da Europa.

(...)

Calou-se o locutor e voltaram as cariciosas melodias. O enfermeiro permaneceu em silêncio, que não ousei interromper. Após cinco minutos de harmonia repoussante, a mesma voz se fez novamente ouvir:

– Emissora do Posto Dois, de “Moradia”. Continuamos a irradiar o apelo da colônia em benefício da paz na Terra. (Idem: 131-4)

Aos poucos, as descobertas de André Luiz sobre o funcionamento da cidade espiritual revelam-se através da narrativa. Sua rotina, equipes de trabalho, funcionamento do abastecimento de água, recursos de alimentação em seus variados níveis de percepção, etc. Em certo momento, o autor é levado a conhecer determinados locais onde se realizam reuniões de ensino e reflexão sobre a divindade, onde percebe a existência de uma estrutura semelhante a um cinema, capaz

de realizar cinco projeções simultâneas e diferentes, além de apresentações artísticas educativas.

(...) Nos parques de educação do Esclarecimento, instalou a Ministra um verdadeiro castelo de vegetação, em forma de estrela, dentro do qual se abrigam cinco numerosas classes de aprendizados e cinco instrutores diferentes. No centro, funciona enorme aparelho destinado a demonstrações pela imagem, à maneira do cinematógrafo terrestre, com o qual é possível levar a efeito cinco projeções variadas, simultaneamente. Essa iniciativa melhorou consideravelmente a cidade, unindo no mesmo esforço o serviço proveitoso à utilidade prática e à beleza espiritual.

(...) Talvez já saiba que o Governador aqui vem, quase que semanalmente, aos domingos. Ali permanece longas horas, conferenciando com os Ministros da Regeneração, conversando com os trabalhadores, oferecendo sugestões valiosas, examinando nossas vizinhanças com o Umbral, recebendo nossos votos e visitas, e confortando enfermos convalescentes. À noite, quando pode demorar-se, ouve música e assiste a números de arte, executados por jovens e crianças dos nossos educandários. A maioria dos forasteiros, que se hospedam em “Nosso Lar”, costuma vir até aqui só no propósito de conhecer esse “palácio natural”, que acomoda confortavelmente mais de trinta mil pessoas. (Idem: 176-8)

Em Nosso Lar, baseado na narrativa de André Luiz, percebe-se que a música faz parte da rotina cotidiana de seus habitantes. Por tratar-se de uma cidade espiritual não muito afastada da vibração material do planeta, seus habitantes exercitam habitualmente a concentração da mente no bem, sendo a música um instrumento de fortalecimento e potencializadora deste exercício.

Depois de longa pausa, a Ministra sorriu para o auditório e perguntou:

– Quem deseja aproveitar?

Logo após, suave música encheu o recinto de cariciosas melodias.

(...)

Quando vi os companheiros levantarem-se para as despedidas, ao som da música habitual, indaguei de Narcisa, surpreendido:

– Que é isso? Acabou a reunião?

A enfermeira bondosa esclareceu, sorridente:

– A Ministra Veneranda é sempre assim. Finaliza a conversação em meio do nosso maior interesse. Ela costuma afirmar que as preleções evangélicas começaram com Jesus, mas ninguém pode saber quando e como terminarão. (Idem: 205-6)

Aproximadamente 100 milhões de militares foram mobilizados para as operações da segunda guerra mundial, conflito global que ceifou a vida física de aproximadamente 70 milhões de seres humanos. A colônia Nosso Lar não esteve imune ao conflito, tendo participado no auxílio e acolhimento aos desencarnados vítimas da guerra.

Nos instantes que antecederam o agravamento das batalhas, ações de preparação e mobilização dos habitantes da colônia foram realizadas pelas autoridades espirituais, em forma de palestras de esclarecimento e sensibilização.

No capítulo 42, em uma dessas ações, André presencia a fala emocionada do Governador de Nosso Lar, onde apresentações musicais são realizadas no ambiente da exposição.

A festividade excedia a tudo que eu pudesse sonhar em beleza e deslumbramento. Instrumentos musicais de sublime poder vibratório embalavam de melodias a paisagem odorante.

(...)

Comovido e deslumbrado, ouvi as crianças entoarem o hino que a Ministra Veneranda intitulara “A Grande Jerusalém”. O Governador desceu da tribuna sob vibrações de imensa esperança e foi então que brisas cariciosas começaram a soprar sobre as árvores, trazendo, talvez de muito longe, pétalas de rosas diferentes, em maravilhoso azul, que se desfaziam, de leve, ao tocar nossas frentes, enchendo-nos o coração de intenso júbilo. (Idem: 233-6)

Capítulo singular aquele que o autor batizou de “No Campo da Música”, descrevendo um espaço dentro da colônia espiritual, onde seus habitantes acorrem no desejo de entretenimento e diálogo informal de confraternização. Após pagarem seu ingresso, Lísias e André adentram o campo onde o autor espiritual descreve a presença de diversos estilos musicais espalhados pela área onde os habitantes de Nosso Lar se reúnem alegremente.

Nesse momento, atingimos a faixa de entrada, onde Lísias pagou gentilmente o ingresso.

Notei, ali mesmo, grande grupo de passeantes, em torno de gracioso coreto, onde um corpo orquestral de reduzidas figuras executava música ligeira. () Observando minha admiração pelas canções que se ouviam, o companheiro explicou:

– Nas extremidades do Campo, temos certas manifestações que atendem ao gosto pessoal de cada grupo dos que ainda não podem entender a arte sublime; mas, no centro, temos a música universal e divina, a arte santificada, por excelência.

(...)

Na Terra, há pequenos grupos para o culto da música fina e multidões para a música regional. Ali, contudo, verificava-se o contrário. O centro do campo estava repleto.

(...)

Grandemente maravilhado com a música sublime, ouvi Lísias dizer:

– Nossos orientadores, em harmonia, absorvem raios de inspiração nos planos mais altos e os grandes compositores terrestres são, por vezes, trazidos às esferas como a nossa, onde recebem algumas expressões melódicas, transmitindo-as, por sua vez, aos ouvidos humanos, adornando os temas recebidos com o gênio que possuem. O Universo, André, está cheio de beleza e sublimidade. O facho resplendente e eterno da vida procede originariamente de Deus. (Idem: 250-2)

Nos capítulos finais do livro, André Luiz descreve os preparativos da reencarnação de Dona Laura, mãe de Lísias, que o recebeu com carinho materno em sua residência. Em noite íntima familiar, André participa de uma reunião onde, amparados por equipes específicas de Nosso Lar, estabelecem comunicação com Ricardo, pai de Lísias, que encontrava-se encarnado na crosta planetária, distanciados pelos planos de vibração da vida.

Mais uma vez, a música é utilizada como ferramenta de auxílio no processo de irradiação mental dos presentes para o sucesso da reunião de intercâmbio.

Fez-se grande quietude e Clarêncio disse comovedora e singela prece. Em seguida, Lísias se fez ouvir na cítara harmoniosa, enchendo o ambiente de profundas vibrações de paz e encantamento. Logo após, Clarêncio tomou novamente a palavra:

(...)

Observei, então, com surpresa, que as filhas e a neta da senhora Laura, acompanhadas de Lísias, abandonavam o estrado, tomando posição junto dos instrumentos musicais. Judite, Iolanda e Lísias se encarregaram, respectivamente, do piano, da harpa e da cítara, ao lado de Teresa e Eloísa, que integravam o gracioso coro familiar.

(...)

As cordas afinadas casaram os ecos de branda melodia e a música elevou-se, cariciosa e divina, semelhante a gorjeio celeste. Sentia-me arrebatado a esferas sublimes do pensamento, quando vozes argentinas embalaram o interior. Lísias e as irmãs cantavam maravilhosa canção, composta por eles mesmos.

(...)

Às derradeiras notas da bela composição, notei que o globo se cobria, interiormente, de substância leitoso-acinzentada, apresentando, logo em seguida, a figura simpática de um homem na idade madura. Era Ricardo. Impossível descrever a sagrada emoção da família, dirigindo-lhe amorosas saudações.

(...)

O recém-chegado, após falar particularmente à companhia e aos filhos, fixou o olhar amigo em nós outros, pedindo fosse repetida a suave canção filial, que ouviu banhado em lágrimas. Quando se calaram as últimas notas, falou comovidamente: (...). (Idem: 266-8)

Nosso lar, além de uma emocionante narrativa constituiu-se um rico material de análise sobre a vida cotidiana no ambiente espiritual, sendo sempre válido, retornar à sua leitura observando com olhos de artistas sua inerente beleza e riqueza de informações doutrinárias.



ARTE NA TRANSIÇÃO PLANETÁRIA

– DE CHARLES A DIVALDO –

– DE IVONE A PHILOMENO –

No natal do último ano do século XIX, nascia discretamente na cidade de Valença (RJ) aquela que seria conhecida no ambiente espírita como Dona Ivone Pereira⁵⁹, costureira e médium, autora de diversos livros psicografados.

O escritor português Camilo Castelo Branco, narra no volumoso e esclarecedor *Memórias de um Suicida* (1955)⁶⁰, psicografado por Dona Ivone, o drama que ele próprio passou quando, na tarde de 1º de junho de 1860, utilizando-se de um revólver, atentou contra a própria vida física, drama que outros tantos passam ao acordar no mundo espiritual em função do suicídio. Não só o sofrimento dos suicidas é apresentado na narrativa como também as atividades de reabilitação da saúde espiritual desarranjada pelo ato violento e a preparação para novas encarnações reabilitadoras.

59 Ivone do Amaral Pereira. (24/12/1900 – 09/03/1984).

60 PEREIRA, Yvonne Amaral. Pelo espírito Camilo Candido Botelho. *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

No contexto da trama, Camilo, amparado por Charles, espírito familiar à médium, ao descrever os pormenores do processo de reequilíbrio mental de que necessitam as almas que cometeram o suicídio, informa já no século retrasado, tempo em que se desenvolve a narrativa, que a arte era então utilizada no mundo espiritual como terapêutica em busca da saúde mental.

Aprendíamos, ainda! Progredíamos em conhecimentos obtendo, nas citadas reuniões, noções de Arte Clássica Transcendental, de que eram dignos expoentes não apenas nossos mestres, como outros que caridosamente nos visitavam, e até nossas vigilantes, que ensaiavam com eles nova modalidade de servir a Deus e à Criação, isto é, utilizando-se do Belo, empregando a Beleza!... pois convém acentuar que nossos mestres, em sendo cientistas, também se revelavam estetas, enamorados da Suprema Beleza que se origina do Sempiterno Artista!⁶¹

Dentro do processo de soerguimento mental, além da prática da caridade afetiva com outros que também haviam desencarnado pela via do suicídio e ações que eram desenvolvidas nas regiões inferiores ou em reuniões de caráter mediúnico com a participação de grupos espíritas encarnados, realizavam também composições literárias e artísticas inspiradas em temas elevados, que eram analisadas e examinadas em reuniões “festivas” as quais contavam com a participação de espíritos de outras comunidades que acorriam para valorizar e inspirar os pacientes em reabilitação.

61 Terceira parte. Capítulo III.

Os dias consagrados a tais exames eram festivos para todo o Burgo da Esperança. Legítimos certames de uma Arte Sagrada - a do Bem -, o encanto que de tais reuniões se destacava ultrapassava todas as concepções de beleza que antes poderíamos ter! Esforçavam-se as vigilantes na decoração dos ambientes, na qual entravam jogos e efeitos de luzes transcendentais indescritíveis em linguagem humana, enquanto luminas de nossa Colônia, como Teócrito, Ramiro de Guzman e Aníbal de Silas se revelavam artistas portadores de dons superiores, quer na literatura como na música e oratória descritiva, isto é, na exposição mental, através de imagens, das produções próprias.

De outras esferas vizinhas desciam caravanas fraternas a emprestarem brilho artístico e confortativo às nossas experimentações. Nomes que na Terra se pronunciam com respeito e admiração acoiravam bondosamente a reanimar-nos para o progresso, ativando em nossos corações humílimos o desejo de prosseguir nas pelepas promissoras. Não faltaram mesmo em tais assembleias o estímulo genial de vultos como Victor Hugo e Frédéric Chopin -, este último considerado suicida na Pátria Espiritual, dado o descaso com que se ativera relativamente à própria saúde corporal; ambos, como muitos outros, cujos nomes surpreenderiam igualmente o leitor, exprimiam a magia dos seus pensamentos, dilatados pelas aquisições de longo período na Espiritualidade, através de criações intraduzíveis para as apreciações humanas do momento!

Tivemos, assim, ocasião de ouvir o grande compositor que viveu na Terra mais de uma experiência carnal, sempre consagrando à Arte ou às Belas-Letras as suas melhores energias mentais, traduzir sua música em imagens e narrações, numa variedade atordoadora de temas, enquanto que o gênio de Hugo mostrava em

lições inapreciáveis de beleza e instrução a realidade mental de suas criações literárias!⁶²

O compositor Frederic Chopin⁶³ é citado também por Dona Ivone em *Devassando o Invisível*⁶⁴, obra de sua autoria em que desenvolve uma série de estudos doutrinários baseados em sua própria experiência mediúcnica. Relata o pianista polonês desencarnado ter muito interesse na Doutrina dos Espíritos, pois mesmo não tendo professado nenhuma religião quando encarnado já estava convencido da existência de Deus e da imortalidade da alma, afirmando também ter vivido várias vidas na Terra como artista das áreas da pintura e da arquitetura tendo na última dedicado-se à música.

O corajoso relato da médium para a época, fruto da convivência estreita com os desencarnados e seus estudos sobre o Espiritismo, apresenta a informação, em plena década de 60 do século passado, que o músico Chopin, tinha como plano reencarnar no Brasil e participar de uma ampla falange espiritual de artistas com a sublime missão de contribuir na espiritualização e no progresso do planeta.

Asseverou-nos que sabia ser ele muito amado pelos brasileiros, o que particularmente o enternece. Mas observa que ninguém lhe dirige uma prece, e que necessita desse estímulo para as futuras tarefas que empreenderá, ao reencarnar, quando pretende servir a Deus e ao próximo, o que nunca fez através da música. Declarou que, salvo resoluções posteriores, pretende

62 Terceira parte. Capítulo IV.

63 Frédéric Chopin. (1810-49). Um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da história.

64 PEREIRA, Yvone do Amaral. Pelo espírito Charles. *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

reencarnar no Brasil, país que futuramente muito auxiliará o triunfo moral das criaturas necessitadas de progresso, mas que tal acontecimento só se verificará do ano de 2000 em diante, quando descerá à Terra brilhante falange com o compromisso de levantar, moralizar e sublimar as Artes. Não poderá precisar a época exata. Só sabe que será depois do ano de 2000, e que a dita falange será como que capitaneada por Vítor Hugo, Espírito experiente e orientador (a quem se acha ligado por afinidades espirituais seculares), capaz de executar missões dessa natureza.⁶⁵

No ano de 2010, o médium e conferencista baiano Divaldo Franco, intermediando o espírito Manoel Philomeno de Miranda, torna público o livro *Transição Planetária*, onde, além de fazer coro às informações apresentadas 50 anos antes por Dona Ivone Pereira, apresenta diversos outros detalhes sobre o instante de transição física e espiritual do planeta Terra.

Miranda, integrando uma caravana de auxílio a tragédias coletivas que promoveram a desencarnação de milhares de espíritos, descreve o grande movimento ocorrido no ambiente espiritual do planeta e da reencarnação de espíritos missionários, alguns deles oriundos de outras esferas do Cosmos. Esses espíritos, portadores de sublimes vivências espirituais contribuirão para disseminação dos ideais de Deus na esfera física, atuando nas mais diversas áreas do saber social.

À semelhança das ondas oceânicas a abraçarem as praias voluptuosamente, sorvendo as rendas de espumas alvas, os novos obreiros do Senhor se sucederão

65 PEREIRA, Ivone. Pelo espírito Charles. "Frederico Chopin na Espiritualidade". In: *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

ininterruptamente alterando os hábitos sociais, os costumes morais, a literatura e a arte, o conhecimento em geral, ciência e tecnologia, imprimindo novos textos de beleza que despertarão o interesse mesmo daqueles que, momentaneamente, encontram-se adormecidos. (2010: 37)⁶⁶

Entre tantos espíritos, o ex-militar do nobre exército brasileiro, agora desencarnado, Vianna de Carvalho oferece também sua contribuição sobre a temática da transição espiritual do planeta, citando os artistas como participantes dessa invasão organizada e planejada pelas mais altas Esferas Divinas.

Lançado em 1998, o livro *Atualidade do Pensamento Espírita*, apresenta 220 perguntas sobre várias áreas do saber humano que, oferecidas à espiritualidade, tiveram em Vianna o porta-voz de suas respostas. Ciências políticas, jurídicas, biologia, comunicação, filosofia, psicologia, etc. tiveram questionamentos levantados para a resposta dos espíritos superiores, e entre estas áreas do saber encontravam-se também, como não poderia deixar de ser, as artes.

Nesta oportunidade, Vianna de Carvalho, pela a mediunidade de Divaldo Franco, compartilha informações que se agregam ao disponibilizado por Ivone Pereira em seu *Devasando o Invisível*.

A fim de que se expressem novas formas de comportamento em todas as áreas do progresso humano, a Divindade faz com que reencarnem na Terra os grandes Missionários, a fim de darem cumprimento a esses objetivos elevados.

66 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. *Transição Planetária*. 1ª. Ed. Salvador: LEAL, 2010.

Neste crepúsculo de milênio e quase amanhecer de uma Nova Era, já se encontram em processos de renascimento orgânico os Missionários da beleza, qual tem sucedido em todos os períodos passados, trazendo programas de rara sensibilidade e emoção, promovendo as variadas expressões da Cultura, da Ciência e da Arte. (FRANCO, 2002: 167)⁶⁷

Camilo, Vianna, Philomeno, Ivone, Divaldo... Trabalhadores da causa espírita, mensageiros que nos oferecem informações em épocas distintas, de igual conteúdo.

Multidão de espíritos anteriormente preparados e qualificados, de variados estágios e méritos espirituais, iniciaram nos primeiros anos do novo milênio, incessante movimento de retorno à vida física, com a Meta Divina de promover o bem e a espiritualidade, influenciando a sociedade contemporânea para o inadiável movimento de transcendência.

Os artistas, entre eles os espíritas, que aqui já estamos morejando para a promoção da arte espiritualizada, temos a incumbência de receber os missionários do Belo, oferecendo nossas mãos calejadas pelo trabalho de abrir as picadas da arte em nosso ambiente doutrinário, colocando de lado nossas diferenças de personalismos vaidosos, juntando mãos no esforço contínuo de manter-se no caminhar para o bem, para o Belo, para Deus.

No momento, porém, podemos afirmar, convincentemente, graças a um convívio assíduo e fecundo com beneméritos amigos invisíveis, que os nobres artistas do passado, exceção feita de alguns poucos, se encontram reunidos na Pátria Espiritual, onde

67 FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Vianna de Carvalho. *Atualidade do Pensamento Espírita*. 3ª Ed. Salvador: LEAL, 2002.

progridem e se habilitam para em ocasião oportuna, voltarem em falanges brilhantes, a fim de viverem nas sociedades terrenas servindo à Arte, a qual, então, alcançará um inconcebível fastígio, como ao Amor, a que não serviram ainda, pois eles próprios têm feito tais confissões sempre que lhes é permitido confabular com os médiuns.

Confessam, outrossim, o grande desgosto que os acompanha quando reconhecem que, no estado de encarnação, arrebatados pela Arte, esqueceram os caminhos luminosos conducentes à redenção espiritual, o que nos leva à conclusão de que a Arte, por si só, não redime ou santifica o artista.

Ele necessitará, além dela, do cultivo do amor a Deus e ao próximo, da excelência de uma fé inquebrantável nos princípios divinos, pois a lei que do Todo-Poderoso emanou, para orientar o trajeto evolutivo das criaturas, não foi diferente para os artistas. (PEREIRA, 1963: 68)



A MISSÃO DA ARTE⁶⁸

A Arte é das mais profundas formas de expressão que o Espírito pode encontrar sobre a Terra.

Quando penetrada por ideais de excelência, cabe à Arte o labor de cooperar no desenvolvimento da estesia nas criaturas de Deus.

Assim, o artista é alguém dotado dessas sutis percepções, tendo possibilidades, muitas vezes, de captar a vibração superior da Vida, as ondas luminosas de esferas cerúleas e apresentar aos homens o produto de sua filtragem.

O artista imbuído da Arte que se agita nos painéis do Cosmo, quando segue fiel aos preceitos do equilíbrio da realização do bem, não poucas vezes se faz intérprete de fulgurantes mensagens, depositário que se torna dos fulgores estelares.

Cooperador de Deus, cabe ao artista desenvolver ou colaborar para que se desenvolvam nos seres humanos os sentimentos do belo, do inefável, do indefinível.

Não é por outra causa que deparamos com artistas de níveis variados, atendendo aos Programas da Divindade nos patamares mais diversos pelo mundo.

⁶⁸ TEIXEIRA, José Raul. Pelo espírito Camilo. *Vozes do Infinito*. Niterói: Editora Frater. 1991, p. 37.

Dos tambores rústicos da selva aos violinos apaixonados e rútilos concertos, vemos a Presença de Deus.

Do totem dos prístimos dias da tribo, às esculturas de Miguel Ângelo, na Europa, percebemos a Presença de Deus.

Das evocações do vozerio rítmico dos polinésios às mais formidáveis sinfônicas do mundo, sentimos a Presença de Deus, conduzindo Seus filhos ao amadurecimento estético, aos voos mais altos da sensibilidade, a fim de que O compreendam, gradativamente, na fileira evolutiva.

Não podemos ignorar, contudo, que aparecem aqui e ali, em muitos lugares, e mesmo que luxuriam em vários locais no mundo, almas infernizadas em si mesmas, marcadas pelos instintos rebaixados do crime, possuidores de pulsões anímicas aberrantes, que se mostram como artistas, impondo aos despreparados e incautos as suas alucinações íntimas as quais nomeiam como arte.

No momento em que vive a Humanidade em meio de tantas confusões conceptuais e do gargalhar do deboche, mesmo nas áreas onde deveria vigorar o legítimo e o são, a irrisão campeia, a loucura toma foros de destaque e se projeta nas telas como nas pautas, nos palcos como na literatura, enrodilhando um incontável número de indivíduos em suas sombras.

Na hora torturante pela qual passam os homens da Terra encontramos grande leva de considerados artistas que, ignorando a sua missão de contribuir com a Obra do Criador, enleiam-se nos fios da vaidade e ao revés de prestarem homenagem à Vida Cósmica por meio da sua arte, põem-se como centros dessa arte, buscando o aplauso e a fama, a riqueza e os fogos-fátuos que brilham por pouco tempo, deixando trevas e amargores, lágrimas e frustrações nas almas dos desprevenidos comerciantes da Arte.

Se identificas em tuas possibilidades a Presença do Senhor a se fazer através de diversificada expressão artística, eleva-te, aprimora-te, ilumina-te, conquista-te e deixa-te a ti mesmo penetrar pelas vibrações dos seres Angélicos, que honram a Deus, espargindo amor e saúde pelo Universo, a fim de que, ao longo dos tempos, participes dos seus misteres.

Fazer arte, em verdade, é louvar a Deus alcandorando os seres da Humanidade.

Engaja-te nesse labor e deixa brilhar, também aí, a tua luz.

Camilo

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ASSIS, de Machado. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- CARDOSO, Glauco. "A Arte Espírita perante a tradição". In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARTISTAS ESPÍRITAS. *Cadernos de Arte*. Florianópolis: Abrarte, vol. 1, 2008, p. 9-11.
- DENIS, Léon. *No invisível* (Dans l'invisible). Rio de Janeiro: FEB, 2008.
- _____. *O Espiritismo na Arte* (Le spiritisme dan l'Art). Trad. de Albertina Escudeiro Sêco. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2006.
- FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo espírito Joana de Ângelis. *Vigilância*. Salvador: LEAL, 1998.
- _____. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. *Transição Planetária*. 1ª. Ed. Salvador: LEAL, 2010.
- _____. Pelo espírito Vianna de Carvalho. *Atualidade do Pensamento Espírita*. 3ª Ed. Salvador: LEAL, 2002.
- HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar* (Les Travailleurs de la mer). Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1866, p. 74.
- JORGE, José. *Antologia do Perispírito*. [s.l]: Instituto Maria, 1983, p. 160.
- KARDEC, Allan. *A gênese* (La genèse). Trad. de Giillon Ribeiro. 34ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- _____. *O livro dos espíritos* (Le livre des esprits). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro FEB, 2010.
- _____. *O livro dos médiuns* (Le livre des médiums). Cap. XIV, it. 169. Trad. de Guillon Ribeiro. 57ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- _____. *Revista Espírita* – abril de 1859 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.
- _____. *Revista Espírita* – dezembro de 1860 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.
- _____. *Revista Espírita* – dezembro de 1862 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.
- _____. *Revista Espírita* – dezembro de 1868 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

_____. *Revista Espírita* – julho de 1869 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 250-1.

_____. *Revista Espírita* – maio de 1858 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

_____. *Revista Espírita* – setembro de 1865 (Revue Spirite). Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

MELO, Jacob. *O passe – seu estudo, suas técnicas, sua prática*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

PEREIRA, Yvone do Amaral. Pelo espírito Charles. *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

_____. Pelo espírito Camilo Candido Botelho. *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

TEIXEIRA, José Raul. Pelo espírito Camilo. *Vozes do Infinito*. Niterói: Editora Frater. 1991.

VIEIRA, Waldo. Pelo espírito André Luiz. *Conduta Espírita*. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito André Luiz. *Ação e reação*. 13ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

_____. Pelo espírito André Luiz. *Mecanismos da Mediunidade*. 21ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

_____. Pelo Espírito André Luiz. *Nos domínios da mediunidade*. 17ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

_____. Pelo espírito André Luiz. *Nosso Lar*. 45ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

_____. Pelo espírito Emmanuel. *O Consolador*. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.



Impressão e acabamento:
Gráfica Itapuã

CÍRCULO DE ESTUDOS – ARTE E ESPIRITISMO

Estudo 1 – **KARDEC E A ARTE**

- ARTISTAS NA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS
- ARTISTAS DO OUTRO MUNDO
- MONVOISIN, UM PINTOR ESPÍRITA

Estudo 2 – **ARTE EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS**

- O LIVRO DOS ESPÍRITOS
- QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE ARTE EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Estudo 3 – **O ARTISTA**

- VISÃO DA ESPIRITUALIDADE
- O ARTISTA. MISSÃO E RESPONSABILIDADE
- ARTISTA ESPÍRITA: TÉCNICA E EVANGELIZAÇÃO DE SI

Estudo 4 – **APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS**

- PERISPÍRITO E ARTE
- IRRADIANDO ARTE
- IRRADIAÇÃO AO BEM
- A MEDIUNIDADE DO ARTISTA
- UM PASSE DE ARTE
- KARDEC VAI AO TEATRO

Estudo 5 – **TEMAS DIVERSOS**

- ARTE EM “NOSSO LAR”
- ARTE NA TRANSIÇÃO PLANETÁRIA
- A MISSÃO DA ARTE

ISBN 978-85-65641-05-0



9 788565 641050